



ESTÁGIO PROFISSIONAL: OS DOIS LADOS DE UM SONHO

Relatório de Estágio Profissional

Relatório de Estágio Profissional, apresentado com vista à obtenção do 2º Ciclo de Estudos conducente ao Grau de Mestre em Ensino Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, ao abrigo do Decreto-Lei nº 74/2006, de 24 de março, na redação dada pelo Decreto-Lei nº 65/2018, de 16 de agosto e do Decreto-Lei nº 43/2007, de 22 de fevereiro.

Professor Orientador: Professor Doutor Cláudio Filipe Guerreiro Farias

Rui Filipe Miranda da Silva Varajão Barbosa

Porto, setembro de 2019

Ficha de catalogação

Barbosa, R. (2019). Estágio Profissional: *Os dois lados de um sonho*. Porto: R. Barbosa. Relatório de Estágio Profissional para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

PALAVRAS-CHAVE: DESPORTO, EDUCAÇÃO FÍSICA, ENSINO-APRENDIZAGEM, ESTÁGIO PROFISSIONAL, PRÁTICA DISTRIBUÍDA.

Dedicatória

Aos mais importantes e fundamentais pilares da minha vida:

Aos meus pais e à minha irmã,

por estarem ao meu lado em todos os momentos, por me incentivarem, por lutarem por mim, e pelos esforços que fizeram ao longo da minha vida!

Agradecimentos

À minha família, que sempre me encorajou, apoiou e incentivou em todas as decisões, que me fizeram crescer modelado de valores respeitosos e sempre acreditaram nas minhas capacidades e que eu conseguia atingir tudo aquilo a que me propusera. Sem eles isto era impossível de se realizar e é graças a eles que hoje sou o que sou.

À Letícia, que nos últimos anos me acompanhou de perto e esteve presente, que me apoiou pessoalmente e profissionalmente nesta fase, nunca me deixando desistir deste desafio, e por me suportar em todos os momentos, mantendo-me focado e motivado para continuar. Obrigado por todas palavras e acreditares em mim.

Ao Costa, pela caminhada de 5 anos, unidos, superando todos os obstáculos da melhor maneira, prevalecendo o espírito de alegria, amizade e companheirismo para o resto da vida.

À Mafalda, minha parceira, que sempre foi uma pessoa que luta e transmite motivação e rigor, e que sempre me ajudou em todos os momentos. Pela amizade e suporte dado nos dois últimos anos.

Aos meus amigos, que de forma direta ou indireta motivaram e participaram positivamente na minha caminhada.

Ao meu professor Arnaldino, impulsionador principal da minha caminhada no mundo desportivo, pela paixão e liderança, transmissão de conhecimentos e experiência e pela confiança e amizade mantida nos últimos anos. Uma palavra de gratidão pelo esforço efetuado a nível pessoal e profissional.

Ao meu professor Cláudio Farias, por me orientar desde o ponto inicial, durante um ano letivo e até ao final, pelo rigor e metodologia utilizada, pela busca da perfeição e de querer manter o alto nível de performance.

À minha turma residente, que sem eles esta caminhada não era possível, pelo seu comportamento de excelência, empenho e dedicação, e por me fazerem apaixonar por esta profissão.

Índice Geral

Dedicatória	III
Agradecimentos	V
Resumo.....	X
Abstract	XIII
Abreviaturas.....	XV
Introdução	1
1. Enquadramento Pessoal.....	3
1.1. Quem sou eu?	4
1.1.1. Desenvolvimento familiar	4
1.1.2. Desenvolvimento desportivo.....	4
1.1.3. Desenvolvimento académico.....	5
1.2. Expectativas iniciais acerca do Estágio Profissional	7
2. Enquadramento Institucional.....	9
2.1. Escola	10
2.2. ESAS	11
2.3. Nogueira	12
2.4. Professor Cooperante	12
2.5. Professor Orientador.....	14
2.6. Núcleo de Estágio	16
2.7. Turmas.....	16
2.7.1. 11º Ano	16
2.7.2. 5º Ano.....	18
3. Enquadramento Operacional	21
3.1. Área 1 – Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem	22
3.1.1. Conceção.....	22
3.1.2. Planeamento	24
3.1.3. Realização	30
3.1.4. Avaliação	35
3.2. Área 2 – Participação na escola e relação com a comunidade	42
3.2.1. Direção de Turma.....	42
3.2.2. Reuniões.....	43
3.2.3. Troféu ESAS	45
3.2.4. UAARE.....	46
3.2.5. Dia da Árvore	48
3.2.6. Sarau Escolar.....	48
3.3. Área 3 – Desenvolvimento Profissional	51
3.3.1. Resumo.....	51

Palavras-Chave: ALUNAS, EFICÁCIA, BASQUETEBOL, EDUCAÇÃO FÍSICA, PRÁTICA DESPORTIVA.....	52
3.3.2. Introdução.....	52
3.3.3. Metodologia.....	52
3.3.4. Procedimentos.....	53
3.3.5. Apresentação dos Resultados.....	55
3.3.6. Conclusão.....	60
3.3.7. Referências Bibliográficas.....	61
Considerações finais.....	63
Referências Bibliográficas.....	65
Anexos.....	67

Resumo

O Estágio Profissional, que se insere no plano de estudos do 2º ano de Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, surgiu como possibilidade de colocar em prática real o conhecimento académico adquirido ao longo dos anos de formação inicial. O Estágio Profissional decorreu numa escola em Braga, onde foi supervisionado por um Professor Orientador e um Professor Cooperante. Neste documento, está presente a minha evolução enquanto professor e estão relatadas as vivências, dificuldades, facilidades, experiências, desenvolvimentos e estratégias aplicadas a uma turma do 11º ano, no decorrer do presente ano letivo. Enquanto professor tomei a cargo a responsabilidade de lecionar uma turma de 11º ano, preparando a sua planificação, realização, avaliação e tomando diversas decisões. Este relatório está organizado em 3 capítulos, sendo estes respetivamente: o “Enquadramento Pessoal”, onde tentei dar-me a conhecer desde os meus tempos iniciais até aos dias de hoje, e onde tentei demonstrar o meu gosto pelo desporto; o “Enquadramento Institucional”, desde as escolas que me acolheram, as pessoas que interferiram no meu ano e a caracterização do meio e das turmas, por último, o “Enquadramento Operacional”, onde articulo questões de organização e gestão do ensino e da aprendizagem, da participação na escola e relação com a comunidade. Relativamente ao Desenvolvimento Profissional, refiro-me ao estudo de investigação-ação realizado, acerca a eficácia na tomada de decisão do género feminino em contexto de jogo homogéneo e heterogéneo. Neste estudo pretendi perceber se o nível de jogo iria interferir com a percentagem de sucesso na tomada de decisão do género feminino. Por último, abordo considerações finais sobre o meu percurso e passagem por um dos “dois lados de um sonho”.

Palavras-Chave: DESPORTO, EDUCAÇÃO FÍSICA, ENSINO-APRENDIZAGEM, ESTÁGIO PROFISSIONAL, PRÁTICA DISTRIBUÍDA.

Abstract

The Professional Internship, which is part of the study plan of the 2nd year of Master in Physical Education Teaching in the Basic and Secondary Teaching of the Faculty of Sports of the University of Porto, emerged as a possibility to put into practice the academic knowledge acquired over the years, years of initial formation. The Professional Internship took place in a school in Braga, where it was supervised by a Tutor and a Cooperating Teacher. In this document, the evolution of the teacher and the experiences, difficulties, facilities, experiences, developments and strategies applied to an 11th grade class are reported during this school year. The teacher held the responsibility of teaching an 11th grade class, preparing their planning, achievement, assessment and decisions. This is organized into 3 chapters, which are respectively: the “Personal Framework”, where I tried to make myself known from my earliest times to today, and where I tried to show my taste for sport. The “Institutional Framework”, from the schools that welcomed me, the people who interfered in my year and the characterization of the environment and the classes. Finally, the “Operational Framework”, where I talk more about the organization and management of teaching and learning, school participation and relationship with the community and Professional Development, where I refer to the action research study, on effectiveness in female decision making in a homogeneous and heterogeneous game context. In this study I wanted to understand if the level of play would interfere with the percentage of success in female decision making. Finally, some final considerations about my journey and going through one of the “two sides of a dream”.

Key words: PHYSICAL EDUCATION; SPORT; TEACHING-LEARNING; PROFESSIONAL INTERNSHIP; DISTRIBUTED PRACTICE.

Abreviaturas

AESAS – Agrupamento de Escolas de Alberto Sampaio

AD – Avaliação Diagnóstico

AF – Avaliação Formativa

AS – Avaliação Sumativa

CE – Colega Estagiário

DE – Desporto Escolar

DT – Diretor de Turma

EE – Estudante Estagiário

EF – Educação Física

EP – Estágio Profissional

ESAS – Escola Secundária de Alberto Sampaio

FADEUP – Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

FB – Feedback

JDC – Jogos Desportivos Coletivos

MEEFEBS – Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

MEC – Modelo de Estrutura do Conhecimento

MED – Modelo de Educação Desportiva

NE – Núcleo de Estágio

PA – Plano Anual

PC – Professor Cooperante

PD – Prática Distribuída

PEF – Professor de Educação Física

PO – Professor Orientador

PNEF - Programas Nacionais de Educação Física

RE – Relatório de Estágio Profissional

UAARE - Unidade de Apoio ao Alto Rendimento na Escola

UD – Unidade Didática

Introdução

Como forma de preparação para o relatório de estágio, foi-nos proposto, no segmento do Estágio Profissional inserido no 2º ano do 2º ciclo em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP), a realização do Relatório de Estágio Profissional. No Relatório cada Estudante-Estagiário (EE) tem como ponto de partida o seu estado atual (dificuldades, expectativas, capacidades, conhecimentos...) e, sendo isto, confrontado com os desafios do próprio Estágio Profissional (EP).

Neste estágio, procurei desenvolver competências pedagógicas e didáticas, que me auxiliassem na formação do meu desempenho profissional e no meu crescimento enquanto professor. Tive também a possibilidade de aplicar na prática tudo aquilo que adquiri ao longo da minha aprendizagem, sentindo agora o que é a escola do lado de um professor. Durante esta prática supervisionada, tive a oportunidade de lecionar aulas a uma turma de 5ºano e a uma turma de 11ºano, sendo esta a minha turma residente. Participei na construção de um *Pedypaper* para o torneio “Troféu ESAS”, bem como em assuntos de Direção de Turma e em reuniões do Grupo de Educação Física e Concelho de turma, adquirindo assim experiência de docência.

Relativamente ao EP da FADEUP, o estágio é anual e em contexto real de ensino-aprendizagem na escola, sendo constituído por uma prática de ensino supervisionada. Esta supervisão é realizada por um professor cooperante (PC), que é um professor de educação física (EF) com aptidão e experiência, que orienta os Estudantes Estagiários. Cabe ao EE cooperar com o PC e com o seu núcleo de estágio (NE).

Este documento, encontra-se então dividido em três áreas, sendo a primeira, o Enquadramento Pessoal, onde é feita a apresentação do estagiário, o seu percurso e atualidade, as expectativas em relação a este ano de estágio e a ideia que o estagiário tem sobre o estágio profissional. A segunda área, o Enquadramento Institucional, onde são referidos apontamentos sobre a escola como instituição e a apresentação da escola onde se irá realizar a prática de ensino supervisionada. Por último, o Enquadramento Operacional, que engloba

também três sub-áreas sendo elas respetivamente, a Organização e Gestão do Ensino e Aprendizagem, a Participação na Escola e Relação com a Comunidade e o Desenvolvimento Profissional.

1. Enquadramento Pessoal

1.1. Quem sou eu?

O meu nome é Rui Filipe Miranda da Silva Varajão Barbosa, tenho 24 anos. Nasci no distrito de Braga, e vivo mais concretamente em Lomar.

Desde cedo que a minha ligação e o gosto pelo desporto estão presentes em mim. Pois bem, como criança, e pelo facto de ser “irrequieto”, de só querer brincar e de utilizar qualquer objeto para me divertir, a minha caminhada pelo mundo desportivo iniciava-se pela “vontade e querer”. Em auxílio ao que mais gostava de fazer, tive ao meu lado um apoio incondicional da minha família, que, desde cedo, me colocou em várias modalidades para preencher esta minha necessidade de me divertir, ocupar tempo e aprender valores que são transmitidos no desporto. Valores estes, de verdade desportiva, saber ganhar e saber perder, respeitar o próximo sendo este colega ou adversário, entre outros.

1.1.1. Desenvolvimento familiar

Seguindo as pisadas do meu pai, ex-jogador profissional de futebol, comecei a ter contacto com o desporto através dele. Desde cedo que me levou para o mundo desportivo para ver se conseguia chegar onde ele chegou. Os meus pais sempre quiseram acompanhar a minha evolução e crescimento, e sempre tentaram dar asas ao que mais gostava de fazer, deram-me então a hipótese de, para além da escola, fazer algum tipo de atividade física para me manter ocupado, feliz e saudável.

1.1.2. Desenvolvimento desportivo

Por onde começar? Inicio a minha caminhada por fazer equitação, no Centro Hípico de Braga, onde adorei esta experiência, pois o contacto com animais é fabuloso, assim como a elegância que tinha de apresentar quando me sentava no cavalo. Fui acompanhado por uns colegas de turma, que já faziam equitação há algum tempo, e então, decidi experimentar. Contudo, rapidamente percebi que não chegava e, pedi aos meus pais para me colocarem em alguma modalidade onde me sentisse mais realizado e satisfeito. Então, como tudo em Braga é perto, comecei a representar o Académico Basket Clube (ABC), uma

modalidade coletiva (andebol), onde tinha colegas meus a jogar, e me iria sentir bem. Contudo, como tinha jeito para o andebol e me destacava dos restantes, comecei por representar o escalão mais velho, deixando assim os meus amigos para trás. No final do ano, senti falta de algo, ou seja, o que mais gostava era de jogar futebol, e afinal, era tudo o que eu não fazia... deixei a equitação e o andebol, e tentar envergar por um caminho diferente. Alistei-me então no Sporting Clube de Braga, no futebol de 7 e onde representei este clube por oito anos consecutivos em equipas de competição. E aqui sim, estava na “minha praia” encontrando assim algo que me completava. Desde o dia em que comecei a jogar futebol, que não parei até aos dias de hoje, fiz os escalões de formação, e até agora faço parte do plantel sénior como jogador com passagens por vários clubes do distrito de Braga.

Para além da vertente de jogador, abracei um projeto que me foi apresentado, de liderar como treinador principal uma equipa de formação, no escalão de infantil. Este projeto durou cerca de um ano, oferecendo-me mais uma experiência espetacular que me ajudou bastante no processo de ensino e a saber lidar com jovens atletas.

1.1.3. Desenvolvimento académico

Até entrar na universidade, estudei em duas escolas, sendo estas, a Escola Básica 2,3 de André Soares (EBAS), e a Escola Secundária de Alberto Sampaio (ESAS). Ainda não tinha entrado no secundário e já sabia que a minha escolha para ingressar na universidade iria ser desporto, pois, era um excelente aluno a Educação Física, e sempre tive vontade de praticar e saber mais sobre todas as modalidades. Nesta passagem pelo secundário, existiu um momento marcante no meu percurso, que foi a disciplina de Educação Física, onde tive a felicidade de ter um professor que nos dias de hoje é o meu professor cooperante, na AESAS (Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio), sendo ele uma fonte de inspiração e uma imagem do que pretendia vir a ser no futuro.

Com isto, decidi então, optar pelo curso de Desporto, realizando a licenciatura na FADEUP (Faculdade de Desporto da Universidade do Porto), e

optando assim, pelo mestrado em ensino, pois ser professor de educação física (PEF) sempre foi o meu sonho.

Mas, nem tudo é um “mar de rosas” ... No momento de definição do local de estágio, fui colocado na Maia, longe de casa, sendo que a minha prioridade era em Braga, contudo, a poucos dias de começar o estágio, sofri um acidente onde parti o quinto metatarso e sofri uma intervenção cirúrgica de urgência onde coloquei uma chapa e cinco parafusos no pé. O cenário para o meu lado começou a ficar negro, pois, como é que iria dar aulas com o pé partido? Como é que me iria deslocar para a Maia? Para não falar do tempo que iria ter de estar ausente por ter partido o pé e ter de ser operado. Com isto, e para não perder um ano, meti um requerimento a direção, sobre a possibilidade de ser transferido para Braga para que não perdesse um ano de estágio. Este processo foi demorado, tendo sido deferido com sucesso a minha transferência, mas, comecei o estágio, um mês mais tarde do que todos os outros, e tinha a condicionante de ter o pé partido.

Após este cenário mais negro, cheguei à escola, onde me tinha sido atribuída uma turma de 11º, uma turma composta por 31 alunos, que me receberam bem e se apresentaram todos de forma respeitadora.

Neste ano de estágio, sinto que o que tive mais facilidade foi no contacto e relacionamento com os alunos, no à vontade na comunicação e na relação de confiança com cada um deles, pois, ao ter um bom contacto com cada individualidade, consigo ter um bom controlo e funcionamento do coletivo.

No que remete para a matéria de ensino, sinto-me bastante confortável nas modalidades coletivas, sejam elas, futebol, basquetebol, andebol e voleibol e nas ginásticas, de solo, acrobática e aparelhos.

No que remete para as dificuldades, tinha o objetivo de tentar chegar socialmente a todos os 31 alunos, fazer com que todos gostassem e percebessem o que é a EF, que estivessem motivados e que fizessem as aulas por livre vontade, sendo que foi uma tarefa bastante difícil.

1.2. Expectativas iniciais acerca do Estágio Profissional

Como o estágio profissional advém de um conjunto de anos de aprendizagem que o EE teve de ultrapassar, era de esperar que este ano, fosse idêntico ao primeiro ano de mestrado. Contudo, é uma realidade completamente diferente e onde algumas dúvidas começaram por aparecer.

Com base nisto, surgiram algumas questões como, “será que os alunos me vão aceitar, depois de já terem tido um mês de aulas com o professor cooperante?”, “será que os alunos me vão aceitar por estar com o pé partido e não conseguir ter muita amplitude de movimentos?”, “se este ano de estágio vai ser difícil, será que estou preparado para ele, e ainda por cima com a desvantagem de ter começado tarde e estar limitado fisicamente?”, ou por exemplo, “será que vou ser bom professor?”.

A nível pessoal, este ano de estágio é o que mais se aproxima da realidade. Segundo Ponte et al. (2001), os primeiros anos de estágio são fundamentais para o desenvolvimento do conhecimento profissional do professor, sendo assim, tenho de encarar este ano de estágio como uma realidade séria, com responsabilidades acrescidas e onde tenho de aplicar todo o meu conhecimento em prol dos alunos, não esquecendo que terei um papel fundamental no processo evolutivo dos alunos influenciando assim o seu futuro.

A possibilidade de realizar um estágio, serve como passagem para me tornar professor, sendo que fica marcado a transição aluno-professor. Traça uma nova fase da minha vida, sendo que a de estudante “termina” e começa a de professor. É como passar da plateia para o palco, são momentos distintos, mas com elevada importância em ambas as partes.

Neste estágio foi-me atribuída uma turma, contudo, só me senti realmente professor quando fiz a chamada, quando peguei na listagem da turma e chamei o nome de cada aluno. Era algo pelo qual ansiava fazer, sentir-me uma figura para uma turma, mas não uma turma qualquer, mas a turma, a minha turma, os meus alunos. Nesse momento sim, senti-me um professor e comecei a encarar as minhas tarefas como tal.

Deste modo, a minha expectativa inicial recaía sobre a possibilidade de adquirir, vivenciar e experienciar diferentes momentos que me possam ajudar a

crescer enquanto professor, sendo estas diferenças, os métodos que irei implementar, a diversidade de alunos, de material, de espaços, pelo facto de não existirem aulas iguais e pela diversidade de comportamentos ocorrentes a toda a hora. Então, aliado a este conhecimento adquirido, pretendia dar tudo o que tivesse ao meu alcance, de modo a conseguir transmitir tudo aquilo que sei para que todos saíssem beneficiados no final.

Esperava também que este estágio me ajudasse a superar as dificuldades que tenho, que me “ajudasse a errar”, pois cada vez que erramos estamos a aprender, e o mais importante é como o meu professor cooperante diz: “temos é de fazer as coisas com intencionalidade”, temos de acreditar naquilo que fazemos, e temos de ter uma razão para o fazer.

Com este estágio pretendia então saber mais sobre o que é ser professor, das suas competências, dos seus deveres e trabalhos, as interações com o mundo dos alunos e entre professores, tudo isto para me ajudar a ser alguém com importância acrescida na vida dos alunos.

Em suma, para que isto tudo decorresse da melhor forma, contava com um núcleo de estágio que me ajudasse a ultrapassar este “choque” com a realidade, que me incentivasse, que me corrigisse, que me alertasse para tudo o que possa vir a acontecer durante este ano. Contava também com uma pessoa que me segue neste caminho, e que se voltou a cruzar comigo, o meu PC, que esteve sempre disposto a ajudar-me e responsabilizou-se por todas as minhas decisões, apoiando que cada estagiário deve fazer o seu percurso, de maneira tirar o melhor proveito de cada situação.

Da minha parte, contava em errar, mas que estes erros sejam rapidamente ultrapassados, e que os aspetos positivos fossem muito superiores a estes erros. Para isto, iria demonstrar dedicação, vontade e empenho durante todo este ano de estágio.

2. Enquadramento Institucional

A escola representa um espaço onde os alunos partilham as suas dificuldades e as suas potencialidades, sendo que, cabe à comunidade educativa, ajudar no crescimento de cada indivíduo. Carvalho (2007) descreve a escola como um local de oportunidades e possibilidades que cada um poderá ou não aproveitar, sendo essencial a simbiose aluno-professor para o sucesso no processo ensino-aprendizagem. Assim, esta ligação entre o professor e o aluno, torna-se muito importante na formação de cada um, sendo os alunos o foco da educação, pois sem eles, é impossível existir a escola. Gairin (1999) defende que a instituição escola é um espaço de relações pessoais e interpessoais, influenciada interna e externamente consoante os membros que a integram, o meio onde está inserida e a sua cultura interna. Com isto, sabemos que nos dias de hoje os professores ensinam os alunos, mas ao mesmo tempo os professores também aprendem com os alunos, sendo isto uma aprendizagem mútua. A escola funciona então como uma instituição que tem de ter um papel fundamental e ativo na formação do indivíduo, abrangendo todo o tipo de domínios, sejam eles, motores, físicos, intelectuais, sociais, pessoais, entre outros. Para isto, a escola deve também criar as mesmas oportunidades para cada aluno, garantir que a educação e a aprendizagem cheguem a todos, independentemente das características que os diferenciam, promovendo a igualdade e a equidade, para alcançar o sucesso. A par disto, na escola, não estão compreendidas apenas as matérias, mas sim, uma preparação para um mundo social ativo e com valores estáveis e de integração, promove também a incorporação de princípios éticos e morais, através de uma prática de liberdade e autonomia.

2.1. Escola

A escola passa a ser então, uma instituição social que melhor pode representar e preparar para as dificuldades que se aproximam no futuro, dando também esperança a uma sociedade melhor. Lima (2008) afirma que de todas as instituições modernas, dificilmente se irá encontrar um espaço “tão intenso de produção cultural, de interação social e de trocas simbólicas como a organização escolar”.

2.2. ESAS

A (ESAS), pertence ao distrito de Braga, e constitui um agrupamento de escolas, onde possui treze unidades em oito freguesias, tendo três jardins de infância, três escolas do 1º ciclo, cinco escolas do 1º ciclo com jardim de infância, uma escola básica com 2º e 3º ciclo e uma escola com 3º ciclo e ensino secundário.

Em termos de instalações a ESAS possui: 43 salas de aula normais; 8 laboratórios de ciências experimentais; 2 salas de desenhos; 2 oficinas de artes; 2 laboratórios de multimédia; 4 laboratórios de software e 4 de hardware; 4 auditórios; 1 estúdio de radio e televisão; 1 pavilhão desportivo; 1 campo de jogos; 2 ginásios; 1 bar de alunos; 1 sala de alunos; 3 salas de estudo; 1 cantina com dois pisos; 1 biblioteca com dois pisos; 1 sala de museu; 1 sala de professores com bar; 1 sala de departamentos; 4 salas de reuniões; 1 sala de repouso; gabinete do conselho geral; gabinete associação de pais; gabinete de associação de estudantes; gabinete de apoio aos alunos e família de orientação vocacional; gabinetes de direção de turma; gabinetes de CQEP; gabinetes da direção; outros gabinetes.

A disciplina de Educação Física dispõe de um pavilhão principal, que é representado por um campo de futsal 5x5, que também serve para o andebol 7x7, três campos de basquetebol na largura do campo de futsal, três campos de voleibol na sua largura, e cinco campos de badminton. Este espaço está dividido em duas partes, sendo que uma das partes é um terço do pavilhão, que é para uma turma, e os outros dois terços para outra turma, que, dependendo das condições climáticas pode-se tornar num terço do pavilhão, abrigando assim três turmas em simultâneo.

Existem dois espaços equipados com material para ginástica, sendo que um é o ginásio principal e outro é um bloco mais pequeno. No exterior, temos dois campos de futsal e andebol respetivamente, em que na sua largura tem mais dois campos de basquetebol (sendo ao todo, quatro campos). Existem também mais dois campos de voleibol 6x6. Em redor deste espaço total, temos uma pista de atletismo e um caixa de areia. Estas condições permitem sempre

ter cinco turmas em funcionamento, organizadas por um *roulement* de espaços. O pavilhão principal, alberga também quatro balneários sendo que dois são para os rapazes e outros dois para as raparigas, e, em cada balneário cabem duas turmas. Possui também uma arrecadação para o material, dois gabinetes, uma lavandaria e uma sala de professores, fazendo com que todo o espaço esteja bem equipado.

A ESAS é abrangida por cerca de 3142 alunos sendo que aproximadamente 51% são do género feminino e 49% do género masculino. No que concerne à nacionalidade, perto de 98% são portugueses.

2.3. Nogueira

Nesta escola, foi-me atribuída uma turma partilhada onde tive de lecionar uma UD, a de ginástica, a uma turma do 5º ano. Esta prática diferiu no sentido de ser lecionada em bloco.

Apesar de a escola ter um pavilhão praticamente novo, não tem nenhum ginásio, o que levantou logo algumas dificuldades na leção da disciplina em causa. As aulas de ginástica foram lecionadas no pavilhão, onde, com o ruído foi um bocado complicado organizar e falar com os alunos, pois, qualquer barulho ou situação das outras aulas a decorrer ao mesmo tempo, serviria de distração.

A retirar desta experiência, fica a leção em bloco da modalidade, tendo então, experienciado as duas práticas num só ano. Na minha opinião, e depois de trabalhar durante este ano letivo, em prática distribuída, sinto que esta é mais benéfica para os alunos, quer a nível motivacional, de empenho na aula e ao nível da aprendizagem.

2.4. Professor Cooperante

Sabendo que a ESAS abriu espaço a três EE para efetuarem o estágio durante este período letivo, e tendo em conta o meu passado na ESAS e o problema que me sucedeu no início do ano letivo, resolvi ligar para o Professor Cooperante (PC) da ESAS, para me ajudar a resolver este imbróglio, visto que, já tinha sido meu professor de EF e pelo qual mantivemos uma relação saudável.

Após umas burocracias, o assunto foi resolvido, e fui aceite como EE na ESAS, e onde reencontrei o meu professor, sendo que agora, como PC.

O PC assume um papel fundamental no que diz respeito ao crescimento, acompanhamento, observação e avaliação de um EE durante o período letivo. Assim sendo e para que isto aconteça, foi dado ao EE a liberdade de decisão, desde que seja consentida. Ou seja, como disse na primeira reunião o meu PC “sempre que houver um caminho a percorrer, este tem de ser feito com intencionalidade”. Ferreira (2013, p. 122), afirma que a função de “um mapa, que entre um ponto de partida e um destino, te mostra os possíveis caminhos. E a escolha será sempre tua. Influenciada para bem, mas tua”. Este testemunho vai de encontro ao que o meu PC sempre nos incentivou a realizar, corroborando com o que diz Rodrigues (2013), o objetivo do PC é orientar utilizando estratégias em que se dá espaço para o estagiário encontrar o seu caminho. Assim, procurei de maneira segura, fazer o meu caminho, sabendo que tinha sempre um suporte, desde que tivesse intencionalidade para o fazer.

Várias frases ditas pelo meu PC, marcaram a minha passagem pela ESAS, e frases como: “não importa quando chegas ao destino, mas sim a maneira como foste para lá”, “cada um tem o seu tempo e a sua maneira de ser, e não podemos alterar aquilo que somos, temos é de saber aproveitar as nossas qualidades”. Ao mesmo tempo que me dava liberdade, dava-me segurança, “tens a liberdade para experimentar o que quiseres, mas no momento certo eu oriento-te”. Desde o primeiro dia, que este professor mostrou uma vontade e um gosto enorme pelo que faz, diria eu que se torna contagiante a forma como transmite a sua sabedoria, os seus valores e crenças, e como sente que a relação com os alunos parte de uma confiança e respeito que facilita todo o processo educativo. Mais uma vez, e como ele dizia “se fizeres bem a alguém, essa pessoa não tem razões para te querer fazer mal”, e com isto, retiro que quanto melhor for a relação que existe entre um professor e um aluno, mais benefício irá ter essa relação para ambos os lados. Então, desde o início, que esta relação descrita, se mantém entre mim e o meu PC, uma relação de confiança, e frontalidade, onde imperam as questões de parte a parte, para se solucionarem os problemas da melhor maneira.

Durante este ano de estágio, uma das situações que me fica na memória, é o facto de o PC nunca me ter dado as respostas para os meus problemas, mas sim, fazer-me questionar sobre eles, de me orientar apenas, e fazer ver se o caminho era o mais correto. O PC deixava-me errar para aprender, quando sabia que isso não iria ter influência na aprendizagem dos alunos, mas iria certamente ter influência no meu crescimento enquanto professor, aluno e pessoa. É com os erros que se aprende, e é com sabedoria que não caímos neles outra vez.

É de salientar que é graças ao meu PC que hoje estou onde estou, que sou o que sou, pois, em tempos passados, interferiu positivamente na minha vida, ajudando-me a decidir o meu percurso educativo. As suas pedagogias mantêm-se o que faz dele uma pessoa exemplar e a respeitar.

Ao PC fica uma palavra de apreço por toda a ajuda que me foi prestada desde o meu ensino secundário, até ao final deste mestrado. Agradeço também por tudo o que foi feito, pela disponibilidade, empenho e dedicação, e que nos momentos certos aplicava as palavras certas para me fazer crescer e compreender cada situação da melhor maneira, sendo que foi umas das pessoas que mais me fez querer seguir este caminho.

2.5. Professor Orientador

O professor orientador (PO) assume um papel fundamental no processo evolutivo do EE durante a sua prática de EP. Este tem como objetivo, orientar o EE de modo a que este consiga progredir de uma maneira evolutiva e gradual sempre no sentido positivo. Assim, a maior parte deste trabalho é realizada através de uma supervisão, em conjunto com o PC, de algumas aulas selecionadas, para que este consiga retirar os aspetos positivos e negativos a corrigir. É também executada uma orientação na elaboração do relatório final, assim como as suas críticas, no sentido de melhorar através da sua experiência e colocar o EE no caminho a seguir.

No meu percurso, PO demonstrou grande ambição e uma enorme disponibilidade em ajudar e orientar, mostrando preocupação, colocando datas e objetivos para que no final tudo corresse como planeado.

No entanto, esperava que o meu PO fosse alguém que tivesse feito parte do meu ciclo de aprendizagem, desde que entrei para a faculdade, mas, este foi um caso diferente, onde não conhecia o professor e não sabia como era a sua forma de trabalhar nem a sua personalidade. Num dos anos mais importantes do meu percurso, tive de aprender a trabalhar com alguém que não me conhece, que não sabe a forma como trabalho e vice-versa. No entanto o nosso relacionamento foi-se desenvolvendo, tivemos debates de ideias, de modo a crescermos os dois, chegando a pontos de vista comuns. Segundo Rolim (2015), o PO deve possuir um relacionamento de colaboração, cooperação e facilitador, em que o EE possui a oportunidade de defender as suas ideias. Sempre que tentava discutir o meu ponto de vista, o PO prestava atenção, colocava-se no meu lugar e sugeria algumas alterações, mesmo que a tarefa estivesse bem feita, ele sugeria novas modificações em prol de uma perfeição, sempre se mostrou metódico e assertivo, mostrando a sua experiência para que eu conseguisse compreender melhor.

Com isto, durante este ano letivo, aprendi com a ajuda do PO a ser mais preciso na construção dos planos, a ser mais reflexivo no que fazia, a pensar de forma diferente e para além do que tinha em mente, na busca da perfeição e a estar sempre alerta durante as aulas, para que nunca perdesse o foco e a intensidade que eu pretendia colocar na minha turma. Nos pequenos momentos de comunicação e nas reuniões como NE, tentava retirar “o sumo” mais importante de tudo o que ele dizia, assim como as críticas aos meus colegas e a mim, para que tivesse mais benefício na minha lecionação das aulas, nunca olhando para as suas observações como ofensas, mas sim como algo de positivo vindo de alguém que mostrou disponibilidade para me fazer crescer como pessoa e professor.

É de ressaltar que sempre mantive um olhar de apreço e confiança pois, o PO esteve sempre pronto a ajudar e disponibilizou-se para tal, perdendo o seu tempo para me ajudar a melhorar, sendo que foi uma das pessoas mais importantes, deste meu progresso, desde o início do ano até a fim do meu relatório.

2.6. Núcleo de Estágio

Ao invés do que acontece nos outros núcleos de estágio, o núcleo onde fui inserido, já era composto por três elementos, o que neste caso, aumentou para 4, o que fez com que todas as turmas do PC ficassem preenchidas.

Assim sendo, já conhecia 2 dos 3 elementos que tinham sido da minha turma no Mestrado, e o outro colega estagiário, acabei por conhecê-lo e acabamos por nos dar bem.

O que mais realço neste ano, foi o facto de ter de trabalhar com colegas que não conhecia, nem sabia o modo como trabalhavam, o que para mim me dificulta muito o processo, pois, não sei como cada um trabalha, nem o que esperar de cada um. No entanto, acabamos por nos dar bem, e conseguimos trabalhar e realizar o pretendido, por vezes com alguma dificuldade, mas seguimos o nosso caminho.

Este grupo tem uma grande humildade e no que remete a pronunciar para melhorar, este grupo faz sem hesitar, dizendo as dificuldades para que o nosso processo de melhoramento seja mais gradual. Como refere Lave e Wenger (1991) e Wenger (1998), “o desejo de aprender e saber o que o outro colega, membro da comunidade sabe”, assim, procuramos, através das observações das aulas e da partilha de conhecimento, retirar de cada elemento o seu melhor, para o nosso próprio benefício.

Com cada um dos elementos do NE, senti que retirei e que aprendi com o melhor de cada um, ajudando-me assim a refletir e a melhorar no meu “eu” enquanto pessoa e enquanto professor estagiário.

2.7. Turmas

2.7.1. 11º Ano

Quando eu cheguei à escola, devido à minha lesão, as turmas já tinham sido distribuídas pelo meu PC e aos meus colegas estagiários. Sendo assim, restou uma turma, o 11º, a turma mais numerosa e onde o género masculino está representado em grande número relativamente com o género feminino.

A turma que me foi atribuída é composta por 31 alunos, sendo que 12 são raparigas e 19 são rapazes. Quando me deparei com a dimensão da turma e com o número de rapazes, fiquei receoso, pois estava de muletas, com uma bota no pé, e tinha medo de perder o respeito para a turma. Este receio surge, pelo facto de entrar um mês depois das aulas começarem, de lhes alterar as rotinas e a maneira de como as aulas iriam ser lecionadas, e pela minha presença física não me permitir grande mobilidade. Sabemos que a presença e colocação do professor são fundamentais para se afirmarem perante os alunos. No entanto, fui extremamente bem recebido por parte dos alunos, pois, os mesmos ficaram curiosos por perceber o que me tinha acontecido. O grau de maturidade que a turma apresentou no início do ano e a entreajuda que me deram, revelou um carácter muito bom da parte deles, motivando-me muito, para a prática e leção das aulas.

Então, desde que cheguei, procurei desde a primeira aula, saber o máximo de nomes possíveis, assim como o desporto que lhes era mais comum, chegando à conclusão que era o futebol. Assim a minha apresentação foi feita, e pedi que rapidamente os alunos se apresentassem, dizendo o seu nome, a idade e a modalidade que mais gostavam ou que praticavam. Tive então de optar por ir falar com cada um mais a nível individual, pois já levava um atraso de um mês, comparativamente com os meus colegas estagiários, e onde não poderia perder mais tempo, fazendo render as aulas ao máximo.

Em relação ao 11º, procurei saber mais um pouco sobre a turma. Pesquisei no INOVAR, as notas do ano anterior de EF, questionei os professores da mesma para saber os seus resultados nas suas disciplinas, o seu comportamento em geral. Com isto, e segundo Lagôa (2002), o professor necessita de apoio dos outros professores envolvidos no processo educacional, pois ele sente-se solitário ao desenvolver a sua função. Ao falar com os professores pretendi perceber quem eram os “líderes” da turma e desde início que procurei conquistar estes “líderes”, pois, para mim, conquistando-os, seria mais fácil conquistar a turma. Sabemos que nestas idades, os alunos são influenciáveis, e se os conseguirmos cativar, eles começam a ceder e passar para o nosso lado e a estar connosco. Como diz o meu PC “eu não acredito que

se fizermos bem a alguém, essa pessoa nos queira fazer mal”. Assim, tratando os alunos da melhor maneira e conquistando-os, os alunos iriam contribuir com um bom comportamento e empenho nas aulas e assim foi.

No geral, a turma é de excelência, com boas notas, com cerca de 6/7 alunos no quadro de mérito, e apenas dois ou três com notas e uma média mais baixa. A EF, a nota mínima do 10º ano era de 14, o que apontava para uma turma boa, trabalhadora e motivada para a disciplina.

Com o passar do tempo, tentei construir uma amizade com os meus alunos, com confiança e acima de tudo respeito. Gosto de me colocar no papel do aluno e tentar perceber o que a maioria gosta ou não, para benefício dos mesmos. Com isto, se mantiver uma boa relação com eles, aceitam melhor o que se pretende. Se acatarmos “ordens” de uma pessoa com a qual não nos identificamos, é mais difícil de realizarmos essa tarefa, e o mesmo se passa com os alunos, se o aluno não quiser aprender o professor dificilmente o vai ensinar. Ganhando a confiança deles e o respeito, seria mais fácil de me compreenderem e de executarem ou reterem aquilo que eu tentava transmitir em todos os momentos.

Esta minha forma de chegar perto dos alunos, parte do facto de o professor ser um socializador com o meio, e pelas minhas características como pessoa me permitirem abordar os alunos de uma forma mais próxima. Este princípio é feito com um intuito, o da Educação. Direta ou indiretamente eu influenciei o futuro dos alunos e interferi com o seu crescimento.

Esta turma foi então a minha turma residente, onde fui responsável por ela durante todo o ano letivo. As minhas aulas eram à quarta e sexta-feira da parte da manhã dois blocos de 90 minutos.

2.7.2. 5º Ano

O “choque” de diferenças de idades do 11º ano para o 5º, foi muito significativo, assim como os seus comportamentos. Achava eu, que o 5º ano seria mais fácil de lidar, mais fácil de conquistar, mais fácil de lecionar, no entanto, uma turma composta por 23 alunos, acarretou-me bastante trabalho.

A turma apresentava-se muito irrequieta, com muitas quezílias entre os alunos, falta de atenção, só queriam brincar, o que dificultou bastante a minha atuação com eles. A nível motor a turma tinha grandes capacidades no que remete para a ginástica de solo, a matéria abordada, mas a nível comportamental, foi o meu maior desafio. Para isto, tive de optar por arranjar estratégias que me pudessem ajudar a conquistar a turma e a fazer com que a aula corresse como o planeado. Assim, tive de lhes dar um reforço positivo (como por exemplo: jogos lúdicos) cada vez que eles prestassem atenção e concluíssem com êxito a sua tarefa.

Foi uma turma diferente da minha turma residente, fazendo com que no meu ano de estágio conseguisse encontrar duas turmas de comportamentos opostos e aprendendo a lidar com diferentes faixas etárias.

Com isto, aprendo que a maneira como leciono as aulas, tem de se adaptar as características da turma, ao meio envolvente e ao seu ano de escolaridade.

3. Enquadramento Operacional

3.1. Área 1 – Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem

3.1.1. Conceção

Atualmente a EF já não é uma disciplina onde os alunos apenas se recreiam e divertem. É muito mais do que uma aprendizagem, é uma aquisição de valores onde o professor pretende formar um aluno e uma pessoa.

Assim, a conceção de um professor, é muito mais do que apenas ensinar a matéria, mas sim, é parte integrante de várias funções construtivas na formação de um aluno, sendo que é apoiada pela parte educativa e de aprendizagem.

Ao longo do meu percurso educativo de aprendizagem, o que me fez querer seguir este curso, foi o facto do meu PC me transmitir valores e ideias, que para além da matéria, me fizeram crescer como pessoa, e olhar para o futuro com uma visão diferente. Através da sua modalidade e do seu modo comunicacional e racional de chegar a mim, transmitiu-me uma conceção de ideias, muito para além do normal, uma preocupação de valores que passa pelo simples facto de como ele diz, “se eu estiver sempre a apanhar lixo do chão, mesmo que não seja meu, os alunos ao verem este gesto, vão ficar sensibilizados para o repetir ou simplesmente para não deitarem para o chão”. E como costuma dizer o mesmo, “antes de professores, somos educadores, mas educadores de uma vida e de lições”. Assim, o meu gosto e objetivo de querer chegar aos alunos como ele chegou a mim, mostra-me uma conceção diferente e uma vontade diferente de conseguir ser melhor.

O facto de jogar futebol no Sporting Clube de Braga a alto nível e participar nas aulas de EF, poderia ser um fator que me fizesse desligar das aulas por querer ter mais rendimento no futebol, no entanto, o meu PC, quando era meu professor no secundário, ajudou-me a perceber a diferença entre o Desporto e a EF e as suas conceções. Enquanto que numa, o objetivo passa pela superação, a vitória e o espírito de equipa, a outra passa pela aquisição de valores e conhecimentos que ajudam a construir um ser com visões diferentes. Após perceber a diferença muito jovem, optei por tentar tirar o máximo de valores de ambas, construindo ideias, como base, que me fazem partir sobre elas, desde esse momento. Com isto, o meu rendimento nas aulas de EF passou a ser muito

diferente, onde no início era muito competitivo e só queria ganhar e ser o melhor, e através da conceção do meu PC, passei a procurar ajudar mais os meus colegas, a ensinar como fazer, e a ser na mesma o melhor, mas noutra campo de aprendizagem. Graças a estes pequenos pormenores, a construção de uma aula, tem de passar por todos estes pontos, e não ser só uma transmissão de conhecimentos, pois, temos de ter sempre em mente que estamos a interferir diretamente no futuro de muitos alunos.

Recordando que a EF é um espaço social, onde crescem ligações entre os alunos, a relação de professor-aluno, torna-se fundamental para consolidar e desenvolver essas ligações.

Atualmente, é necessário chegar a todos os alunos de igual forma, dando a todos a mesma oportunidade, embora que cada aluno seja diferente, temos de adaptar as circunstâncias às suas necessidades. Assim, a EF torna-se uma disciplina imprescindível no programa curricular das escolas. Como refere Bento (1999), a Educação Física utiliza o desporto como forma específica de lidar com a corporalidade. Para além do que a disciplina nos pode oferecer a nível comportamental, social e psicológico, a EF é a única disciplina que visa a noção do corpo, o movimento, e coordenação, a lateralidade, entre outros aspetos importantes, envolvendo mais do que um estímulo, como variados objetos, na formação e aquisição de várias competências.

Para que estas conceções possam ser transmitidas da melhor forma, o professor necessita de ser rigoroso na construção das suas ideias e ações. No meu caso, durante todo o EP, procurei ser o mais metódico na preparação e lecionação das aulas, ao mesmo tempo que tentava transmitir uma visão diferente do que podia acontecer. Por vezes, abdicava de uma parte da aula, para conversar com eles sobre as outras disciplinas e o seu comportamento nas mesmas, sobre o que pretendiam para o futuro, e tentar “dar um rumo”, para que eles se orientem o mais rapidamente possível.

Concluindo, a disciplina de EF, é uma disciplina multidisciplinar, ligada a vários aspetos que visa e planeia retirar o máximo de pontos positivos, para benefício dos alunos. No ponto a seguir podemos observar como planeei todos os momentos de ensino-aprendizagem.

3.1.2. Planeamento

3.1.2.1. Planeamento Nível Macro – Anual

O planeamento anual é um guião organizacional e estrutural, a nível macro, ao longo do ano letivo.

Para Bento (2003), este documento (PA) deve ser aberto e nunca fechado, pois é sempre suscetível a alterações.

Na ESAS, a forma tradicional de trabalhar é feita através de uma prática não muito usual e até pouco falada na faculdade, a prática distribuída. A PD consiste em distribuir as matérias ao longo do ano letivo, concentrando umas mais do que outras e podendo lecionar duas modalidades distintas na mesma aula. No que remete para a prática distribuída, o plano anual é feito de acordo com o *roulement* de espaços, ou seja, ao invés da prática por blocos, na PD são lecionadas várias modalidades em simultâneo ao longo do ano letivo, concentrando temporalmente umas mais do que outras. Assim sendo, esta prática necessita de uma organização de espaços para que possam funcionar 5 turmas ao mesmo tempo, sem nenhum problema. Os espaços estão divididos pelas 5 turmas, mas, dependendo de fatores externos como o clima, estes espaços podem sofrer alterações no imediato, o que pode levar a uma alteração na estruturação do plano de aula. Com isto, o planeamento anual, sofre alterações.

Ao realizarmos este projeto de planeamento anual, estamos, grosso modo, a organizar e facilitar o processo construtivo das aulas, a distribuição das matérias pelas aulas e a chega a um objetivo de acordo com os nossos objetivos para a turma. Este planeamento, serve de guião para o professor se orientar e ter uma ideia de quantas aulas previstas pode lecionar sobre cada modalidade.

Para Bento (2003), o plano anual é o primeiro passo que o professor deve ser capaz de dar para a preparação do ensino. Um bom método organizacional por parte do professor, facilita a restante preparação das UD e dos planos de aula.

Na realização do meu plano anual, procurei encaixar as modalidades de acordo com os espaços que me estavam destinados de acordo com uma lógica rotacional que ocorre a cada duas semanas, ou seja, cada professor tem um espaço durante duas semanas de aulas, e ao fim desse período os espaços “rodam”, dando oportunidade a cada professor de ter um espaço e programas as suas aulas de acordo com o mesmo.

Este plano permitiu-me também ver o número de aulas previstas que iria lecionar de cada modalidade, os feriados que ocorreram nos dias das minhas aulas e atividades, como visitas de estudo, troféu ESAS, entre outras.

Relativamente à PD e de acordo com os PNEF, a PD é eclética, ou seja, é necessário ser diverso, e para isso, o professor tem de saber “tudo”, tem de ter um excelente domínio das matérias para não se confundir e para ser o melhor para os alunos. Este tipo de prática envolve um conhecimento aprofundado dos conteúdos, pois, numa aula o professor pode abordar vários estímulos, dando por exemplo a modalidade de basquetebol e andebol ao mesmo tempo, mas é preciso ter cuidado pois os conteúdos das duas modalidades são parecidos e facilmente o professor pode induzir em erro os alunos se não tiver cuidado nem domínio da matéria. A PD permite ao professor separar a turma durante a aula e potenciar a aprendizagem dos alunos, a correção individual, mais contacto com a modalidade e durante mais tempo, a responsabilidade e organização por parte dos alunos para que este método funcione.

Assim, a prática distribuída é tão dispersa quanto possível e concentrada quanto o necessário. É dispersa pois ocorre durante o ano letivo, recebe vários estímulos espaçados no tempo, mas com regularidade, e é bastante concentrada por ter momentos de dedicação e avaliações formativas constantes. Esta prática pode não apresentar uma evolução tão rápida, nem os resultados aparecerem a curto prazo, mas como ocorre ao longo do tempo, os alunos têm tendência a reter os conteúdos de um ano para o outro. No entanto, para um aluno que não goste de uma modalidade, a aula não está perdida, pois, a possibilidade de um aluno saber que numa aula vai ter dois estímulos diferentes, torna-se motivador para o mesmo. Se um aluno não gostar de voleibol, mas

souber que na segunda parte da aula vai haver futebol, a aula já não foi “perdida” para o aluno.

A aplicação de alguns modelos torna-se mais complicado, mas não impossível, como é o caso do Modelo de Educação Desportiva (MED). No entanto, acabei por utilizar alguns aspetos do mesmo, como por exemplo o grito de turma, a competição por equipas, potenciando a motivação e o gosto pela disciplina e com isto, o número de alunos a fazer as minhas aulas de EF é elevado por estas questões motivacionais, organizacionais e estruturais.

3.1.2.2. Planeamento Nível Meso – Unidade Didática

A UD é a segunda parte de um planeamento, onde a nível meso, o professor deve ter em atenção todos os aspetos referentes à modalidade, e quando aborda os seus conteúdos, ou seja, existe uma sequência temporal e metodológica que o professor deve respeitar para benefício dos alunos e uma melhor organização das aulas.

Para organizar e planear uma UD o professor deve ter em conta o primeiro passo, o PA, onde aí pode encontrar o número de aulas que tem para abordar uma certa modalidade durante o ano letivo. Deste modo, a UD pode vir a ser alterada pelo facto de acontecerem imprevistos, ou mesmo pela evolução ou não da turma. Assim sendo, o professor deve adaptar de novo a sua UD de acordo com as necessidades da turma.

No meu caso, tive de alterar algumas UD pelo facto de a turma evoluir de diferentes formas em modalidades diferentes, ou seja, a basquetebol a turma apresentou uma evolução menos acentuada do que no voleibol, onde me permitiu avançar de uma forma mais gradual, pelos estímulos que eu observei durante as aulas.

Mas, para a execução da UD, utilizei como ferramenta auxiliar, as grelhas de AD que fiz no início do ano para tentar centrar a turma num ponto, e a partir desse ponto construir algo fundamentado e benéfico tendo em conta as características globais da turma. Com a AD e o decorrer das aulas, consegui introduzir, exercitar ou em maior parte dos casos, consolidar, permitindo-me assim, avançar, recuar ou manter os mesmo conteúdos da matéria. Como refere

Bento (2003), o conteúdo e estrutura do plano de cada UD depende dos objetivos, das informações da matéria, do programa e do plano anual. Por fim, estipulei alguns objetivos onde pretendia chegar no final do ano em cada matéria, para ter um objetivo pessoal e realista, para trabalhar com uma finalidade específica.

É de salientar que durante a PD a execução de várias UD ao mesmo tempo, foi um processo trabalhoso, pois tinha de pensar e analisar todos os dados relativos às modalidades, a rotatividade de espaços e os espaços em comum. Ou seja, como na PD podem ocorrer duas modalidades em simultâneo, as duas UD das modalidades têm de estar em sintonia, para isso, o professor necessita de ter um domínio da matéria, que o permita saltar de uma modalidade para a outra, sem problemas de correção.

Neste caso, a PD necessita de um bom conhecimento por parte do professor para que este se mantenha sempre focado e quando necessário seja capaz de atuar sem hesitar, para corrigir ou transmitir um feedback. A UD torna-se então um pouco dependente do que se faz na modalidade em simultâneo, pois, se a leção de uma modalidade ocorresse sem interferência de outra, o tempo destinado para a modalidade e para a aquisição de novos ou os mesmos conteúdos era maior. No entanto, ao partilhar em simultâneas modalidades diferentes, a UD torna-se mais específica e cuidada. O professor não deve colocar muitos conteúdos numa só aula, para não confundir os alunos, nem ceder muita informação de uma só vez. Deste modo, procurei ter um domínio total de todas as modalidades a abordar em simultâneo, podendo antecipar possíveis erros e corrigir se necessário.

A UD só pode ser contínua se o progresso dos alunos, ou seja, a sua exercitação e consolidação, estiverem a evoluir no bom sentido. Assim, a UD pode continuar para os conteúdos seguintes. Se no caso da turma, os conteúdos a abordar estivessem desajustados, é obrigação do professor ter essa leitura o mais rapidamente possível, podendo ajustar então às necessidades reais da turma.

Em jeito de finalização, todo este processo forneceu-me uma base facilitadora e organizacional para a construção dos planos de aula durante todo o ano letivo.

3.1.2.3. Planeamento Nível Micro – Plano de aula

O plano de aula, assume uma importância elevada no processo de construção de ensino-aprendizagem por parte do professor. Este, assume um planeamento minucioso e o mais pormenorizado possível. Quanto mais organizado e meticoloso for este plano, maior é a probabilidade de a aula correr como planeado.

Como diz o meu PC, “o plano de aula é mais um projeto que um plano”. Passo a explicar, nem sempre o plano de aula que temos previsto, ocorre às “mil maravilhas” e na perfeição, por vezes, ocorrem situações inesperadas que nos alteram os planos previstos, e o que fazemos nesses casos? Mantemos o plano, ou alteramos em função das nossas necessidades? As escolas sofreram grandes alterações nas suas estruturas, e os custos relativos a essas alterações foram elevados, com isto, se temos uma aula planeada para um terço do pavilhão, e o professor que iria utilizar os restantes dois terços não deu aula, deveremos manter o nosso plano ou alterar? Na minha escola, temos uma política que nos diz que devemos rentabilizar o tempo e o espaço ao máximo. Assim, o plano passa a ser um projeto adaptado às condições que nos surgem.

Com isto, se em vez de “plano de aula” se chamasse “projeto de aula”, talvez se enquadrasse melhor, pois, estamos sempre sujeitos a alterações no plano. No dicionário português, a palavra “planeamento” significa, “plano de trabalho pormenorizado” e a palavra “projeto” vem com o seguinte significado, “esboço de trabalho que se pretende realizar”. Uma, refere para a pormenorização do trabalho, ou seja, levar a cabo o que está definido, ou invés desta, temos um trabalho projetado com a mesma finalidade, mas que pode sofrer alterações. A meu ver, e na minha opinião, o que se enquadra melhor e o que se passou durante o meu ano letivo, foi um “projeto de aula”, onde pude alterar e melhorar a aula, em função de situações incontáveis, desde o número

de alunos, o clima, o espaço, entre outros, com o objetivo de melhorar o ensino-aprendizagem dos meus alunos.

Para Bento (2003), o planeamento é dividido em três níveis, mas que se relacionam uns com os outros. Estes níveis são, o “plano de aula”, acompanha a “UD” que por sua vez é acompanhada pelo “PA”. Para Bento (2003), o plano acompanha as reflexões anteriores e ao balanço das atividades do professor e dos alunos. Assim, para um melhor desempenho na sua construção, tinha por base as reflexões feitas das aulas anteriores, os aspetos a melhorar e dos objetivos propostos que tinha para a turma.

Com um bom planeamento da aula, o professor sente-se mais seguro, pois a sua aula está sustentada e planeada para atingir um objetivo, servindo de guião estruturado e pensado para uma melhor aula possível. No entanto, para esse planeamento decorrer como o esperado, o professor deve-se colocar no papel do aluno, e prever os seus comportamentos, prevenindo e antecipando todas as dificuldades que possam surgir. Como refere o meu PC, “os alunos procuram o “caos”, mas gostam de ordem”, ou seja, quando um professor remete um exercício, existe sempre alguém que procura distorcer esse exercício e fazer algo diferente para se afirmar para a turma, ou para criar o “caos”. No entanto, se o professor for organizador e corrigir de imediato o aluno, voltando ao seu lugar e a realizando a tarefa como foi pedida. Assim, e com a antecipação de possíveis adversidades que possam ocorrer, e a sua rápida resolução, a qualidade da aula pode e deve aumentar significativamente. Segundo Bento (2003, pp. 16), *“A planificação significa também ligar a própria qualificação e formação permanente do professor ao processo de ensino, à procura de melhores resultados no ensino como resultante do confronto diário com problemas teóricos e práticos.”*

Umas das dificuldades que senti na formulação do plano de aula, foi o facto de confundir o objetivo da aula com os conteúdos, assim como a conjugação verbal dos mesmos. Com a ajuda do meu PC, foi mais fácil compreender esta diferença e ultrapassar rapidamente esta dificuldade. Outra, e que me parecia mais grave, foi o facto de na faculdade, o nosso plano de aula ter de ser altamente minucioso relativamente aos minutos de exercícios e de

descanso, o que no início não estava a conseguir respeitar e levar o plano como estava planeado. Com isto percebi com a ajuda do meu PC, que por vezes, se um exercício está a correr melhor do que o esperado, podemos e devemos manter o exercício, se este se tornar benéfico para os alunos, pela falta de tempo ou pelo facto de se estar a potenciar estímulos importantes num determinado conteúdo. Mas isto, implica uma nova alteração no plano, logo, passar de um plano a um projeto. Estas pequenas dificuldades que me foram aparecendo, foram solucionadas sempre, de modo a construir uma visão alternativa nos momentos cruciais. Para isto, tive de me adaptar a uma realidade diferente do que me tinha sido construída na faculdade.

Em suma, para mim, nunca deixei que o plano fosse uma estrutura fechada, como se fosse uma lei, mas sim, sempre deixei um espaço aberto a alterações, sendo flexível, desde que fossem de encontro às necessidades dos alunos e ao seu sucesso, tornando então o plano num projeto eficaz com vista à aprendizagem dos mesmos.

3.1.3. Realização

3.1.3.1. O Controlo e Gestão da aula

Na fase inicial do meu estágio, uma das grandes dificuldades que senti foi o facto de estar incapacitado e de muletas, o que me impedia de conseguir construir ou montar os exercícios planeados para a aula pela dificuldade de locomoção e também pelo facto de não conseguir ir ter com os alunos no momento exato para os conseguir corrigir.

Segundo Siedentop (1998), a criação de regras e rotinas relativamente ao comportamento dos alunos é fulcral num sistema organizacional da aula. Com isto, fui capaz de criar regras em conjunto com os alunos, para um bom funcionamento das aulas e para que conseguisse ser uma figura presente nas mesmas. Como fui conquistando a turma aos poucos, os alunos que chegavam mais cedo, ajudavam-me nesse processo de construção dos exercícios, assim como os meus CE. Este método foi um processo facilitador no momento da lecionação das aulas.

No entanto, o espaço que nos é destinado devido ao “*roulement* de espaços” é um “problema” quando a turma tem um número elevado de alunos, composta por 31 alunos, e de por vezes ter apenas um terço de pavilhão para dar a aula. Começou assim um problema para eu resolver o mais rapidamente possível.

Ao nível do plano de aula aliado com a sua gestão, tentei, no início, não deixar nenhum aluno fora da atividade física ou exercício proposto, mas era difícil controlar todos os alunos, nos 90 minutos de aula, mais o plano da aula, mais os minutos de exercícios... E foi aqui que entrou o meu PC com uns “*flashes*” de ideias que me ajudariam a resolver um problema de cada vez. Como ele diz, “resolve um problema de cada vez e não queiras resolver tudo ao mesmo tempo”. E foi a partir deste momento, foquei-me em encontrar um melhor caminho para o meu destino e foquei-me então em pequenas coisas de cada vez, por partes, até ter todos os meus problemas resolvidos.

A nível de material, a escola estava muito bem equipada e não tive nenhum problema com a falta do mesmo ou com algum material em mau estado. Neste tipo de condições, torna-se mais fácil de atingir os objetivos se não nos faltar nada. Com muita variedade temos mais opções para trabalhar e mais opções para diversificar.

3.1.3.2. A importância da Instrução e do Feedback

A instrução é uma ferramenta utilizada pelo professor para a transmissão de uma mensagem, com o objetivo de comunicar com os alunos. Este tipo de comunicação pode ser verbal ou não verbal, e pode ocorrer em vários momentos, mas, preferencialmente antes da execução de uma tarefa.

Assim, o professor utiliza várias estratégias para explicar o que pretende. Um dos meios que utilizei durante o ano, foi a projeção da execução das tarefas em PowerPoint, no momento inicial da aula, para que haja um maior aproveitamento do tempo, e para garantir que todos os alunos prestam atenção ao que pretendia realizar. Em conformidade com esta estratégia, utilizei um modo instrução mais usual, a demonstração. Para demonstrar um exercício, o professor deve ter um conhecimento profundo da matéria e perceber e antecipar

possíveis erros, e tentando demonstrar o mais corretamente. Este tipo de instrução torna-se fundamental para uma melhor compreensão por parte dos alunos, assim, o professor ganha tempo e se a execução e instrução do exercício forem boas, a probabilidade de todos os alunos compreenderem o que se pretende é maior.

Como no início do ano, eu tinha o pé partido, a minha participação nas aulas era reduzida, e não tinha oportunidade para conseguir demonstrar o que pretendia nas tarefas a realizar. Então, tentei perceber rapidamente quem eram os alunos que se “destacavam”, e pedia-lhes que demonstrassem a tarefa, ao mesmo tempo que eu ia explicando verbalmente o pretendido. No entanto a escolha destes alunos foi feita minuciosa e cuidadosamente, pois como diz o meu PC, “os alunos aproveitam tudo para gozarem uns com os outros”, “eles procuram o caos, mas gostam da ordem”. Assim, ao escolher um aluno que tenha a capacidade de executar a tarefa com sucesso, a probabilidade de ele executar mal e de ser “gozado” é menor. É de o cuidado do professor gerir estas situações e controlar o ambiente da turma, não deixando chegar a estes níveis extremos. Os alunos mantiveram sempre um respeito enorme pela minha lesão, e todos se mostraram disponíveis para ajudar em todos os momentos.

Após a recuperação, utilizei este método de demonstração inúmeras vezes, pois, para além de ter contacto com os alunos ao explicar um exercício, a linguagem corporal de um professor é extremamente importante e facilmente cativa a atenção do aluno. Mas, para cativar a atenção dos alunos e fazer chegar a mensagem a todos os alunos, rapidamente percebi que necessitava de instruções através da comunicação curta, clara e precisa. Com isto, consegui focar-me no essencial, sendo prático a demonstrar e direcionado para o que pretendia. Assim, conseguia manter os alunos focados por pouco tempo, rentabilizando a aula.

Em suma, quantas mais estratégias e auxiliadas umas com as outras, utilizar o professor para benefício da turma, mais rico vai ser o seu aproveitamento.

Após a instrução e a execução de uma tarefa, é necessário que o professor faça uma rápida análise ao que foi feito pelo aluno, para que este

possa interferir positivamente na prestação do aluno, e para que haja uma evolução no desempenho do mesmo. A este conjunto de informações realizadas pelo professor após a tarefa, designamos de *feedback*.

Segundo Siedentop (1998), o *feedback* é descrito como uma informação que diz respeito a uma resposta, para modificar o comportamento. Para que isto ocorra, o professor deve ter um conhecimento aprofundado da matéria e dos seus conteúdos, deve também, prever possíveis erros e os mais comuns, e agir em conformidade com o que está a acontecer. O *feedback* deve ser dado de imediato e o mais perto possível do momento da ocorrência. Durante as aulas, procurei recorrer ao *feedback* antes, durante e após a atuação dos alunos numa tarefa. A maior parte dos *feedback* dados foram corretivos, e aconteceram após a tarefa ser realizada. Por estratégia, optei por fazê-lo deste modo, para que os alunos tivessem liberdade de executar as tarefas, e de perceberem se estavam corretos ou não. Após a instrução da tarefa e a visualização da sua execução, eu ficava atento a pormenores importantes na realização da mesma, para conseguir atuar diretamente no erro. No decorrer do *feedback* dado, visualizava novamente o exercício para ver se o aluno compreendia e alterava o seu comportamento.

Um dos *feedback* também dado foi o motivacional, de incentivo ou de encorajamento, onde por vezes os alunos antes da tarefa se mostravam receosos, e através da motivação verbal e de dicas fundamentais, os alunos conseguiam executar o movimento corretamente.

O mais importante a nível pessoal e para a execução correta de uma tarefa, utilizei *feedback* específicos, de ordem técnica que ocorriam antes da tarefa, durante e após. Antes, quando explicava a execução da tarefa, e os seus critérios chave. Durante, quando o aluno executa a tarefa, e de que modo isso pode beneficiar a sua ação, e após, quando o aluno executa bem ou mal a sua tarefa. Por norma este tipo de *feedback* ocorreu em exercícios de ordem mais técnica, ou seja, em exercícios mais analíticos.

Procurei também dar *feedback* positivos aos alunos, sempre que executavam bem as suas tarefas, o que torna o aluno mais empenhado a realizar

sempre bem as suas tarefas, demonstrando a atenção do professor durante as aulas.

Além disso, como refere Mesquita (2005), o *feedback* é dependente dos conhecimentos e da própria habilidade que o docente possui para fornecer informações específicas a cada atleta, de acordo com a sua prestação motora. Porém, importa que todos reconheçam importância ao ciclo de *feedback*, observando, posteriormente, se aconteceu uma alteração do comportamento. Se for necessário, o professor pode voltar a dar outro *feedback*.

De facto, o *feedback* é algo fundamental ao processo de ensino aprendizagem, devendo ser ponderado e preparado. As várias modalidades exigem respostas distintas, bem como os múltiplos ciclos de ensino. Não se pode fornecer o mesmo *feedback* a um estudante do secundário e a um do primeiro ciclo e esperar que ambos compreendam. É necessário ajustar, adequar e encarar uma personagem capaz de os cativar para a prática.

Para Rink (2014), o *feedback* pode ser usado tanto individualmente como em grupo, deixando ao critério do professor a decisão que aos seus olhos lhe parece a melhor para a aprendizagem dos alunos.

De acordo com Mesquita (1997), existem vários aspetos a considerar no momento de atribuição de um *feedback*. O mesmo deve ser curto para captar a atenção do aluno e permitir que retenha a informação transmitida, deve ser tão específico quanto possível para permitir a concentração nos aspetos específicos, deve ser prescritivo e não descritivo, permitindo ao discente centrar-se no modo como deve concretizar um determinado movimento e não pelo reforço negativo do mesmo. Por fim, mas não menos importante, é preferível que o mesmo seja audiovisual, facilitando a retenção e compreensão da informação recebida.

3.1.3.3. A Observação

Quantas vezes olhamos e não vemos? Quantas vezes não prestamos a atenção necessária a um determinado pormenor? De facto, observar é fulcral para uma evolução de todos os envolvidos. Contudo, é importante refletir sobre aquilo que vemos, sobre os alunos e sobre as suas aprendizagens.

Quanto melhor observar, mais eficaz será, certamente, o meu ensino. Daí a sua importância. Há que pensar, planejar, agir e avaliar, observando, para corrigir possíveis erros e progredir.

O docente deve colocar-se, constantemente, em locais que o permitam observar toda a sessão e a consecução das tarefas propostas (Mesquita, 2005).

A observação pode ser estruturada, com um instrumento definido, ou não estruturada, ou seja, uma análise não sistemática em que o observador não sabe, em concreto, o que vai observar. A meu ver, a primeira será a mais adequada a efetuar em todos os momentos, com ou sem grelha definida, mas consciente daquilo que se pretende observar. Relativamente à segunda, considero que, como não existem regras, podemos ver tudo e, simultaneamente, não ver nada. A não existência de parâmetros, dificulta a focalização da atenção do professor no que é efetivamente pretendido observar.

Acima de tudo, importa perceber que, para observar, é importante possuir o conhecimento apropriado para tal, sendo este influenciado pelas vivências, crenças e expectativas que cada observador teve até ao momento.

Desde o primeiro momento que o meu PC me ensinou a observar mais além do que simplesmente ver ou olhar. O que se pretende na observação é ver, perceber, analisar, olhar, compreender e retirar o máximo de informação possível.

3.1.4. Avaliação

Em todo o processo de um professor, um dos aspetos mais importantes no seu percurso, é a parte de avaliar e classificar um aluno.

Deste modo, classificar e avaliar um aluno, torna-se extremamente complicado. Como refere o meu PC, “quem somos nós, para atribuímos um número de uma escala a um aluno?”. Ou seja, uma tarefa de classificar alguém, pode ser muito doloroso, principalmente quando o professor ainda não conhece os alunos. Este tipo de classificação ou avaliação é algo muito minucioso e tem de ser feito com especial cuidado. Para avaliar é então, necessário um conjunto de informações que nos permitam enquadrar o aluno num determinado patamar, e a partir desse momento, tentar encaixar o aluno num número. Como refere

Rosado et al (2002, p.32), “a avaliação é uma atividade subjetiva, envolvendo mais do que medir, a atribuição de um valor”. Com isto, atribuir esse número a um aluno, passa por um critério que se tem de adaptar às circunstâncias de cada aluno, e tentar colocá-los a todos no mesmo pé de igualdade.

No começo do ano letivo, a primeira coisa que fiz, foi avaliar, ou seja, fazer uma avaliação diagnóstico aos alunos, de várias matérias, para conseguir perceber o nível de cada um, e o nível global da turma. No entanto, e devido à minha inexperiência, esta avaliação teve erros, e a colocação dos níveis aos alunos não foi a melhor. Mas, para isso, e como diz o meu PC, “o 1º período só serve para preparar o 2º período, e o 2º período só serve para preparar o 3º período e essa nota é a que conta”. Este processo de avaliação é gradual e com o tempo, o professor vai conhecendo melhor cada aluno, e a probabilidade de este errar é menor. Então, este processo de avaliação é como se fosse um “funil”, onde no começo a probabilidade de nos enganarmos é maior, e com o passar do tempo conseguir enquadrar melhor os alunos no seu patamar.

Na ESAS, o método de avaliação passa por classificar os alunos por níveis, (NI – não introdutório; I – introdutório; E – elementar; A – avançado), sendo que a cada nível corresponde um enquadramento de valores. Para que isto possa acontecer de uma forma mais fidedigna, o professor deve ter um conhecimento profundo da matéria que vai abordar, minimizando a possibilidade de não conseguir avaliar rapidamente várias situações. No entanto, cada conjunto de níveis por matérias, representa uma escala numérica com um intervalo de valores. Mas, com é que se coloca o aluno num determinado valor, se ele obtiver os mesmos níveis do que outro aluno? Para isto, a escola e o grupo de EF, definiu que o que vai diferir as notas, vão ser os testes de condição física, que, quantos mais testes positivos o aluno obtiver, maior vai ser a nota do aluno em função desse mesmo enquadramento e intervalo de valores. Passo a explicar: um aluno que obtenha em 6 modalidades, A-E-E-E-I-I, este conjunto de níveis fica num intervalo de 13 a 17 valores. Se o aluno nos 6 testes de condição física obtiver os 6 testes positivos, a nota passa para 17 valores, mas se nos 6 testes não obtiver nenhum, a nota fica em 13 valores. Este tipo de avaliação tem os seus contras, e como só foi aprovado este ano pelo grupo de EF, conseguimos

perceber alguns erros que para o ano vão ser corrigidos. Assim, o erro na avaliação é constante, e cabe ao professor, tentar corrigir e fazer perceber ao aluno, que isto é um processo construtivo, sendo o mais justo e correto possível na avaliação. A sobrevalorização de alunos e a penalização, é constante, e o erro vai acontecer sempre, o professor não sabe tudo, e por isso também tem o direito de errar. Para além disto, cada professor tem a sua visão, e a sua interpretação, logo, se colocarmos dois professores a avaliarem os dois o mesmo aluno, os dois têm opiniões diferentes sobre o mesmo, logo, é difícil para o professor encaixar o aluno na posição que cada aluno pensa que está. Para que isto se aproxime, tentei durante o ano, ir conversando com cada aluno, a mostrando-lhe a minha visão do que estava a ser o seu progresso na disciplina, as suas dificuldades e as suas capacidades, enquadrando aluno na minha visão, para que ele percebesse o que tinha de melhorar. Este contacto com os alunos permitiu-me chegar e ganhar a sua confiança, mostrando interesse e empenho para que estes melhorassem.

No que remete para a avaliação dos alunos, criei uma tabela para cada modalidade, onde o aluno era avaliado, em situação de jogo, em avaliação formativa, e num registo contínuo para valorizar o empenho e dedicação do aluno. A partir deste momento, e de enquadrar todos os alunos num nível, recomecei a avaliação, comparando e ajustando todos os alunos do mesmo nível, para diminuir a sobrevalorização e não os prejudicar. Na sequência e aproximação do final de cada período, conversava individualmente com cada aluno, para que este se autoavaliasse, com base no que foi o seu progresso, empenho e noção do que foi abordado e retido durante esse período. Este tipo de autoavaliação que o professor pede ao aluno, serve para saber se o aluno se sabe enquadrar, se tem noção do que foi feito e se restar alguma dúvida no momento de avaliação, pode ajudar a decidir a sua nota. Este processo tornasse moroso e árduo, mas penso que é o mais correto. Obviamente que todo este processo de avaliação não ocorre sem uma reunião com o NE e o PC, sendo que, a nota só é aceite pelo PC se reunir as condições necessárias para tal.

No que toca à avaliação do aluno, mostrei no início do ano, critério de êxito de excelência e por níveis para que os alunos soubessem como iriam ser

avaliados, e se pudessem enquadrar nos níveis. Desta forma, o comportamento dos alunos remetia para o seu nível, sendo que cada aluno tinha a consciência para que nível estava a trabalhar. Assim, cada aluno sabia os critérios de avaliação que estavam a ser utilizados e não eram apanhados de surpresa no final de cada período.

Como refere Bento (2003), deve existir vários momentos de avaliação, desde a avaliação diagnóstica (AD), no início da UD, a avaliação formativa (AF) no meio da UD e a avaliação sumativa, no final de cada UD. No entanto, como o nosso ensino é através da PD, só ocorreu a AS no final do 3º período. Todas as restantes avaliações partiram de uma AD no início do ano letivo, e várias AF durante o ano.

3.1.4.1. Avaliação Diagnóstico

Reconheço que um dos momentos mais importantes do ano foi a AD, pois foi a partir dessa que comecei a construir todo o meu PA e os objetivos para que tinha para cada modalidade. Este tipo de avaliação permitiu-me também conhecer um pouco de cada aluno e o que esperar de cada um, percebendo quais os que tinham maior capacidade e menor, podendo ajudá-los mais ou menos vezes. Percebi que na minha primeira AD demorei uma aula inteira a avaliar os alunos, pela grande quantidade de alunos e pela minha inexperiência. Fui observando um a um, quase à espera do que queria ver. No entanto, tinha o meu suporte, o PC, que me ajudou a perceber e a ter uma visão diferente de como tinha de ver e avaliar rapidamente um aluno. Esta AD foi efetuada no início de cada UD e feita através da observação de jogos formais no caso de jogos desportivos coletivos, ou de exercícios base referentes a modalidades individuais, e do registo e anotações em tabelas pré-definidas.

3.1.4.2. Avaliação Formativa

A AF permitiu-me perceber a dificuldade que é enquadrar o aluno nos níveis, pois, todas as avaliações tinham conteúdos diferentes, e o tipo de avaliação é diferente. Para que isto pudesse ocorrer sem problemas, eu criei um

conjunto de conteúdos, que fossem rapidamente visíveis de observar, para que o aluno demonstrasse se a sua tarefa estava consolidada ou não perante as exigências da tarefa. Esta avaliação permitiu-me perceber o que tinha de melhor com os alunos, pelas falhas que eles apresentavam, chegando à conclusão de que a avaliação não era só para eles, o mais importante é que era para mim. Se cada professor conseguir retirar de cada AF aspetos que este possa melhorar nas suas aulas, os seus alunos e o E-A tenha mais sucesso.

É de ressaltar que a AD e a AF serviram como métodos de classificação para mim, onde coloquei os alunos por níveis, e que o único momento de avaliação que fiz, foi a AS que ocorreu no final de cada UD.

3.1.4.3. Avaliação Sumativa

Como referido anteriormente, a AS ocorreu no final de cada UD, e esta, ocorre em consonância com os registos e classificações das AD e das AF durante todo o ano, para obter uma classificação final dos alunos. A meu ver, esta avaliação é a que o professor tem mais informações sobre o aluno, mas, no entanto, é a avaliação mais difícil de fazer, por ser a final.

Neste tipo de avaliação, entram como fatores preponderantes 3 aspetos fundamentais: o domínio motor, onde o aluno durante o ano mostra as suas capacidades físicas, *skills* e a sua performance em todas as modalidades, podendo demonstrar uma evolução ou não. Este domínio entra com grande importância na decisão da classificação do aluno. Por conseguinte, entra o domínio socio-afetivo, que neste domínio estão impregnes as relações eu-eu, eu-colega, eu-tarefa. Passo a explicar, a relação eu-eu, é uma relação que o aluno tem de compromisso, de estar presente, de superação, entre outras. A relação eu-colega, é uma relação de cooperação e de entreaajuda, ou seja, se o aluno tem a capacidade de querer ajudar os colegas, se tem espírito de equipa, se trabalha em função de um objetivo... e por último, a relação eu-tarefa, que é a relação de superação, aquilo que o aluno pode dar pela tarefa a executar, o seu empenho, se realiza a tarefa ou se não a quer fazer. Neste domínio é essencial que o aluno obtenha uma elevada “percentagem de pontos”, para que possa sair beneficiado no final. Quanto mais positivas forem estas relações,

melhor vai ser o ambiente da aula, para isso, o professor tem um papel fundamental no seu funcionamento, desde o nível motivacional ao social. Para finalizar, o último domínio é o cognitivo, ou seja, a capacidade que o aluno tem de interpretar uma tarefa, de a resolver, de executar da melhor maneira, se tem o conhecimento necessário da modalidade, como as regras, e mesmo se o aluno tem o conhecimentos destes 3 domínios. É de salientar que no momento de apresentação dos critérios de êxito, os alunos foram confrontados com estes três domínios.

Em TODOS os finais das aulas, os alunos eram submetidos a uma autoavaliação, onde tinham de se auto-classificar, com base nestes 3 domínios, sobre a sua prestação na aula. Na mesma escala da avaliação, (NI – não introdutório, I - introdutório, E - elementar, A - avançado), os alunos diziam a sua prestação na aula, assim como também entra a questão da pontualidade. No final de cada autoavaliação, eu dava uma informação sobre a minha opinião da aula de cada um, concordando ou discordando com a sua perspetiva. Assim, e ao saberem que todas as aulas tinham de se autoavaliar e ouvir a minha opinião, os alunos assumiam um compromisso de empenho comigo e com a aula, de modo a que esta decorresse de bom grado para todos. No final de cada período eu fazia uma soma dos níveis dos alunos e entregava-lhes uma anotação da média dos níveis desse período, para que eles se situassem a nível dos domínios naquilo que foi a sua prestação. Alguns alunos ficavam surpreendidos com a sua média, e melhoraram nos períodos seguintes, alguns mantiveram a sua média, e nenhum aluno ficou abaixo do esperado.

Como era de esperar, em algumas modalidades a média era mais baixa, e aí entrou o meu trabalho motivacional, ou seja, de planear as aulas de forma a manter toda a gente focada e a tentar estarem presentes nas aulas para não deixar o ritmo das aulas caírem.

Optei por utilizar a mesma forma de avaliar para os alunos se autoavaliarem, para estares cientes do que cada nível corresponde, e do que necessitam de fazer para subirem ou manterem de nível.

A escala a que correspondem os níveis é de NI – do 0 aos 9 valores, I – dos 10 aos 13 valores, E – dos 14 aos 17 valores e A – dos 18 aos 20 valores.

Somente em raras exceções os alunos se classificaram com um I, e pelo facto de a turma ter um nível muito bom e de ser competitiva, os alunos geralmente estavam compreendidos entre o E e o A.

Se porventura algum aluno não fizesse a avaliação formal estipulada para a data, esse aluno tinha uma nova oportunidade, não o deixando sem realizar a avaliação. Para todos os alunos, sempre que houvesse tempo de sobra, os alunos podiam repetir a avaliação caso estes sentissem que conseguiam melhorar, ou no caso de ter corrido menos bem, pois bem, em momentos de avaliação todos nos sentimos nervosos, e as coisas podem não sair tão bem. Assim, como eu gostava que fizessem comigo, dou aos outros as mesmas oportunidades, sendo que sempre tentar dar uma igualdade e equidade a todos eles.

Nesta minha caminhada, posso afirmar que o que mais me dificultou, foi a parte da avaliação, onde senti mais dificuldades em avaliar, pois, ainda em processo de formação, avaliar alguém torna-se complicado, mais ainda, quando se tratam de alunos, que estiveram um ano todo a trabalhar comigo. Tentei dar o meu melhor e ser o mais justo possível, sei que errei e sei que também aprendi neste processo, mas sei que nunca tive desamparado e tive sempre alguém que me acudiu e ajudou em momentos de decisão importantes, o meu PC.

3.2. Área 2 – Participação na escola e relação com a comunidade

Ao longo deste ano letivo, senti de certo modo, que a minha relação com todos os intervenientes do meu RE, foi magnífica, onde, era tratado por toda a gente de forma igual. Não existiram diferenças entre mim e um professor, pelo facto de ser um EE. Assim sendo, consegui manter uma relação de bem-estar com todos os envolvidos no meio escolar, desde o corpo docente aos alunos, o que me ajudou, de certo modo, a ficar mais motivado para a minha prática.

Com isto, e durante este EP, pude participar reuniões do grupo de EP, em reuniões de Conselhos de Turma, em reuniões com o PO, reuniões com os Enc. Edu., e em várias atividades como, o Troféu ESAS, o dia da árvore, o programa UAARE, o Sarau ESAS, que me ajudou a adquirir mais um pouco de conhecimento e que me ajudou a integrar no meio escolar. Este tipo de convívio na preparação para as tarefas, no contacto com os alunos, na festividade, na motivação e superação foi algo que me fez ajudar a ter a certeza de que o caminho era este.

3.2.1. Direção de Turma

A direção de turma, serve como um portal de ligação entre os professores e o diretor de turma, os alunos e o diretor de turma, assim como também, o diretor de turma com os encarregados de educação, sendo assim e para Roldão (2007) as relações devem basear-se na cooperação/interação entre os professores e o diretor de turma para que exista uma melhor gestão por parte do diretor de turma e para que o processo seja bem executado.

Com isto, tive oportunidade de durante este ano, acompanhar o processo pelo qual um diretor de turma passa, preparando-me para a prática profissional num contexto real, aproximando-me ao máximo do que é este processo. Sendo assim, esta oportunidade é essencial para adquirir competências diferentes no que remete à diferenciação de dar aulas. Neste tempo pude aprender a realizar a marcação e justificação de faltas, a resolver problemas disciplinares, a acompanhar o atendimento aos encarregados de educação, a trabalhar com o programa INOVAR, entre outros.

Tive a felicidade de o horário de atendimento, não coincidir com o meu horário de aulas, podendo assim, ajudar e estar mais ativo na parte da direção de turma, e conhecer e ter a oportunidade de interagir com os encarregados de educação dos alunos. Com isto, consegui conhecer um pouco mais os alunos, desde a sua maneira de ser, o seu comportamento nas restantes disciplinas, as suas notas a nível global, os seus interesses... todos estes pontos serviram de benefícios para melhorar a minha relação com os alunos a nível individual. Tinha como objetivo, conquistar cada aluno individualmente para conseguir ter os alunos do meu lado.

Considero que com as competências atribuídas ao diretor de turma, a responsabilidade e as diversas funções atribuídas e o que o mesmo realiza, este torna-se num gestor pedagógico, optando sempre por resolver os casos de modo a beneficiar e a ajudar os alunos em todas as situações ocorrentes.

Deste modo, sinto que foi altamente benéfica a minha passagem pela direção de turma, olhando com outros olhos e outra perspetiva do trabalho que um professor pode ter, sem ser a leção das aulas.

3.2.2. Reuniões

As reuniões servem para os seus intervenientes partilharem ideias, discutirem opiniões e experiências, sempre no sentido de atingir um fim que traga benefícios para a comunidade.

No âmbito da nossa melhoria a nível profissional, o meu grupo de estágio reunia todas as quartas feiras com o PC, para falarmos da semana de trabalho, de questões mais ligadas ao plano, outras mais focadas na própria aula, uns aspetos sobre o que é ser professor e a nossa atuação, entre outros assuntos importantes e que em jeito de reflexão se tornavam reuniões bastante positivas. Nestas reuniões, o PC dava oportunidade a cada EE ter uma oportunidade crítica sobre cada um e sobre si, e os aspetos a melhorar de semana para semana, o que fez com que a nossa relação ficasse mais forte, e que cada um conseguisse retirar o máximo de benefício para o seu aproveitamento. Falávamos também sobre a visão da EF na escola, do efeito do professor na aula e fora da aula, e como cada uma podia ajudar o grupo da disciplina a melhorar e a funcionar de

forma a retirar o máximo proveito da modalidade. Questões como as do Troféu ESAS, o SARAU, entre outras, também eram discutidas nestas reuniões.

Durante o ano letivo, tivemos reuniões com o nosso PO, o PC e o GE onde, em cada uma, falávamos sobre aspetos mais minuciosos sobre a aula assistida e situações referentes ao plano de aula. Neste tipo de reuniões, ao ouvirmos uma opinião experiente e diferente, ajuda na assimilação da informação, se nos colocarmos no lado de quem tenta passar a informação. Deste modo, se nestas reuniões espaçadas, conseguisse absorver o máximo de informação possível e colocá-las em prática, o aproveitamento das aulas e do meu conhecimento iria ser afetado pela positiva. Com estas reuniões aprendi também a ouvir os pontos fortes e menos bons dos meus CE, e a usar isso em meu benefício, para não “cair no erro” que possam ter feito e para aproveitar questões que possam trazer um efeito positivo para as minhas aulas.

Todos os finais de período, o meu GE reunia com o PC para questões de avaliação. Nestas reuniões eram discutidas as notas dos alunos, uma por uma, turma por turma, e cada caso só era aceite, se a nota fosse fundamentada e apresentadas razões para o aluno chegar a esse valor. O PC e o GE tinham direito a dar a sua opinião e a interferir, se fosse necessário, na avaliação do aluno. Esta situação ocorria quando existia uma indecisão em saber que nota iria ser destinada ao aluno, e sucedia quando fosse bem fundamentada por parte de cada um. Estas reuniões eram bastante demoradas, pois, avaliar os alunos é um processo complicado na formação de um professor.

Após estas reuniões, participava ativamente nas reuniões de conselho de turma, onde era o verdadeiro responsável pela minha turma, embora sempre acompanhado e suportado pelo meu PC. Nestas reuniões fiquei a conhecer os restantes professores que faziam parte da turma, e como se processa uma reunião deste grau de importância, assim como a discussão das notas fundamentadas dos alunos.

Por último, todos os períodos fazíamos reuniões gerais com todos os professores do grupo de EF e dos dois agrupamentos escolares. Aqui eram discutidas as questões de avaliação assim como as notas de cada turma, como uma forma de preocupação e de tentar perceber o que se pode fazer para retirar

o máximo de aproveitamento dos alunos. Nestas reuniões dava para perceber a força que o nosso grupo tinha em comparação com outras disciplinas, sendo que, todo o horário da escola, parte em função das aulas de EF, pelo motivo de conseguirem colocar cinco turmas a ter aula ao mesmo tempo, e por mobilizar todas as turmas de 12º ano a terem aulas as terças e quintas de manhã. Este grupo de professores é composto por professores bastante experientes, incluindo o meu PC, que lutam afincadamente por manter a nossa disciplina no auge, com rigor, e de modo a oferecer as mesmas oportunidades a todos os alunos, fazendo de nós, uma escola de excelência e onde tudo é possível fazer para que os métodos de organização não falhem.

A participação do PC em todos os momentos de formação, permitiu-me adquirir uma bagagem mais profissional, e um olhar mais perspicaz sobre todos os assuntos, melhorando a minha condição enquanto professor e aluno.

3.2.3. Troféu ESAS

O Troféu ESAS é realizado durante o ano, e é dividido em três provas, sendo que cada uma ocorre em cada período. Este troféu é visto como a prova do ano, onde participam cerca de 600 alunos, e todos os professores de EF estão envolvidos.

O objetivo de troféu é a participação voluntária dos alunos, o convívio, o incentivo para a atividade física, a competição, entre outros.

Na participação do troféu, os alunos inscrevem-se em equipas mistas de cinco elementos, sendo que, o género menos representado tem de ter obrigatoriamente dois elementos.

No entanto, neste troféu só foi realizada a primeira prova, pois a nível burocrático, a escola não conseguiu a autorização necessária para se realizarem provas no exterior da escola. No entanto, foi o primeiro ano onde o troféu não se realizou até ao fim.

O troféu é então dividido em três provas, onde cada uma é pontuada e somada às outras para que no final exista uma equipa vencedora. Assim a primeira prova, ocorre durante o primeiro período, e é uma prova de *Skill's*, onde as equipas competem entre si, superando vários desafios para a obtenção de

uma maior pontuação. No segundo período, ocorre a prova de *Pedypaper*, onde a construção da mesma foi toda elaborada por mim e pelo NE. Esta prova consistia em realizar um percurso em menor tempo possível, pela cidade de Braga, onde as equipas levavam um mapa de orientação e tinham de se dirigir aos pontos e realizar a tarefa específica em cada um deles. No terceiro período e na última prova, é o momento mais aguardado do ano, onde a prova tem mais afluência de alunos. A prova é realizada no rio, é uma prova de canoagem. Neste dia, os alunos são transportados até ao local, e é feita uma prova de estafetas de canoagem no menor tempo possível. Após esta prova, é realizado um convívio durante o dia, onde existe um piquenique, música, jogos tradicionais para comemorar todo o ano letivo.

Com isto, a minha participação no troféu, foi a nível de colaboração e organizacional, ou seja, elaboração total da segunda prova, organização e participação na primeira e terceira prova.

Contudo, fica a reter a minha participação e experiência ganha, em criar e organizar atividades de grande dimensão.

3.2.4. UAARE

A Unidade de Apoio ao Alto Rendimento na Escola visa a articulação entre a escola, os Enc. Educação, as federações desportivas, os alunos/atletas ou outros interessados, tendo como objetivo conciliar e articular com sucesso a atividade escolar aliada com a prática desportiva de alto rendimento ou seleções nacionais.

A AESAS agrupa uma das maiores UAARE a nível nacional, composta por inúmeros alunos com o estatuto remetido pelos clubes ou seleções, que apresentam condições para que estes alunos sejam submetidos para o programa UAARE nas escolas.

Este Programa pretende conciliar os estudos com os treinos, jogos ou estágios que os alunos/atletas tenham durante o ano letivo, tendo a preocupação de cada tutor dos alunos/atletas, minimizar as perdas de aprendizagem por falta de comparência ou ausência na escola por esses mesmos motivos. A UAARE

procura chegar ao sucesso escolar e desportivo em conciliação com o clube ou seleção, retirando o máximo de aproveitamento do aluno/atleta, para que este nunca saia prejudicado.

Durante este ano, tive a oportunidade de trabalhar e ser tutor de dois alunos/atletas com este estatuto, sendo eles alunos da minha turma. Estes dois alunos apresentaram e reuniram condições, aos olhos do clube (Sporting Clube de Braga) e da Federação Nacional de Futebol, para fazerem parte deste projeto. A minha participação como tutor serviu para minimizar assim, todas as perdas dos alunos quando a serviço das duas instituições, eles estivessem ausentes. Como tutor, procurei fazer um acompanhamento semanal dos alunos/atletas, em pequenas reuniões onde falamos das aulas, das matérias, das notas e do sucesso desportivo. Após estas reuniões e se os alunos tivessem de faltar, eu serviria de ponte, entre os alunos e os professores das disciplinas onde iriam faltar, e tinha como missão arranjar uma solução para que os alunos não perdessem a matéria que se iria lecionar dos dias das ausências. Estas reposições de matérias, poderiam ser feitas desde trabalhos para casa onde os alunos têm de apresentar a resolução dos mesmos, em apoios em horários extra com o professor da turma ou outro professor da disciplina, por aulas virtuais, entre outros. Tudo isto, com o objetivo de ajudar o aluno a ter sucesso.

A nível desportivo, optei por fazer um acompanhamento aos dois atletas, fazendo uma análise individual dos jogos ao fim de semana. Tive a oportunidade de fazer este acompanhamento e esta análise sempre que possível, para ajudar os alunos/atletas a crescer enquanto jogadores.

Estes alunos tinham o meu e-mail e o meu contacto caso fosse necessário resolver algum problema urgente, e para que a comunicação entre nós fosse mais fácil.

Concluindo, fiquei orgulhoso de participar neste projeto ao longo do ano, sempre com a supervisão do meu PC, que me ajudou bastante em todos os processos e que me atribui esta responsabilidade acrescida. Foi uma experiência bastante positiva, onde no final houve uma melhoria por parte dos dois alunos, que souberam resolver e aproveitar o programa que lhes foi oferecido.

3.2.5. Dia da Árvore

Juntamente com a câmara de Braga, a AESAS, organizou um evento relativo ao dia mundial da árvore. Esta iniciativa, partiu do facto da preocupação com o meio ambiente, pela desflorestação acelerada e pelas queimadas ou incêndios numerosos que têm vindo a suceder nos últimos anos.

Então a escola organizou uma manhã e levou as turmas a um parque, onde os alunos tiveram a oportunidade, alguns deles pela primeira vez, de plantar uma árvore. Com a ajuda da câmara e para não se perder muito tempo, a mesma disponibilizou uma máquina de abriu buracos para que o processo fosse mais fácil. Os alunos, colocariam então as árvores no solo, e tinham de a cobrir com terra.

Foi uma manhã diferente, onde os alunos ficaram com uma noção de que deitar uma árvore abaixo é rápido e simples, mas, plantar e esperar que a árvore cresça, é um processo que demora muito tempo. Tentamos com esta iniciativa, sensibilizar os alunos para que protejam a natureza, pois o futuro é deles.

3.2.6. Sarau Escolar

O SARAU ESAS, é um evento que ocorre no final do ano, onde os alunos do desporto escolar e o ARTIGYM apresentam várias coreografias de ginástica, para o público. Devido ao aumento significativo de alunos a participar neste evento, da afluência de assistentes, e de o próprio evento estar a ganhar nome e força, a ESAS decidiu organizar este evento no Altice Forum Braga, que alberga um número muito maior de espectadores do que a nossa escola.

Este evento ocorre num dia com dois horários distintos para a possibilidade de toda a gente poder assistir.

O meu papel neste evento foi a nível organizacional, receção das pessoas e a direccioná-las para os lugares devidos. Este evento necessita de uma organização e precisam temporal para que o espetáculo não atrase. As turmas eram direccionadas e encadeadas umas nas outras, ou seja, mal uma turma estivesse a acabar a sua performance, a seguinte já se estava a posicionar para entrar.

As turmas são feitas por idades e compostas por ambos os géneros, destacando-se assim, as turmas com alunos desde os 5 anos de idade, até alunos que representem o 12º ano de escolaridade. É de notar a organização e controlo por parte dos alunos que sem isso era impossível realizar um evento com uma dimensão como esta.

3.3. Área 3 – Desenvolvimento Profissional

Aprendizagem desportiva

Eficácia de decisão nas ações do género feminino em contexto de jogo homogéneo e heterogéneo

3.3.1. Resumo

Esta investigação aborda a temática da eficácia das ações em jogo, de vários conteúdos (passe, receção, interseção e finalização), do género feminino.

No decorrer das aulas de basquetebol, pretendo compreender a eficácia de decisão nas ações em jogo do género feminino, comparando essa eficácia em grupos homogéneos e heterogéneos. Participaram neste estudo como grupo alvo as 12 alunas do 11º ano da minha turma residente, e também os restantes 19 alunos do género masculino.

Com isto, identifiquei alguns pontos chave que acontecem durante um jogo de basquetebol, e repartí em várias fases o próprio jogo, observando através do método de gravação e com fichas de registo, o número de vezes que as alunas atingiam a eficácia ou não, do que era pretendido naquele momento específico do jogo. Pretendo perceber então, se, as alunas obtêm melhores resultados ao jogarem em grupos homogéneos, ou se os resultados são mais significativos quando estão a jogar em grupos heterogéneos.

Esta investigação foi realizada pelo facto de um número significativo de alunas, me questionar, sobre a razão pela qual elas tinham de jogar com os rapazes. Deste modo, tentei perceber se o género feminino sairia beneficiado do jogo homogéneo ou heterogéneo.

Assim, como conclusão principal retiradas, o grupo do género feminino apenas apresentou uma eficácia maior na decisão de ações quando jogou em grupos homogéneos, comparativamente com o grupo heterogéneo.

Palavras-Chave: ALUNAS, EFICÁCIA, BASQUETEBOL, EDUCAÇÃO FÍSICA, PRÁTICA DESPORTIVA.

3.3.2. Introdução

Os objetivos do presente estudo são:

1. Avaliar a eficácia de decisão nas ações das raparigas em contexto de jogo.
2. Perceber em que ações motoras (passe, receção, interceção e finalização), é que as raparigas obtêm uma maior taxa de sucesso.
3. Examinar os níveis de eficácia em função da participação em estruturas de equipa homogéneas e heterogéneas.

3.3.3. Metodologia

3.3.3.1. Participantes no ensaio/estudo

Os participantes no estudo representam uma turma de 11ºano da AESAS, mais concretamente a minha turma residente. Esta turma é composta num total de 31 alunos, sendo que 12 alunos (38%) são género feminino e 19 alunos (62%) são do género masculino. O grupo de alunas observadas e avaliadas neste estudo, tinham idades compreendidas entre os dezasseis e os dezoito anos.

3.3.3.2. Informação recolhida

Para a recolha dos dados em questão, foi elaborada uma tabela de registos simples, com base na grelha de “*Analysis of Students’ Success Rates*”, (Hastie, 1998 & Hastie et al. 2017), onde fazia o registo do número de vezes que a aluna acertava ou errava a sua ação. As variáveis do estudo são o passe, a receção, a interceção e a finalização, pois, estes conteúdos são os que ocorrem mais frequentemente durante um jogo de basquetebol. Este método de registo foi adaptado às condições que eu ia avaliar, às alunas, e aos conteúdos abordados durante o ano letivo. Como método de auxílio e facilitador mais viável para o estudo, foi utilizado durante o processo, a gravação das aulas, com a devida autorização, para que a recolha de dados fosse mais fidedigna.

3.3.3.3. Parâmetros analisados

No meu estudo, utilizei alguns conteúdos como parâmetros de variáveis:

1. Passe: Cada passe executado corretamente, ou seja, com receção do colega de equipa para onde queria enviar a bola, a aluna obtinha um ponto positivo. Por cada vez que a aluna errava o passe, seja ele intercetado ou para fora, a aluno acumulava um ponto negativo.
2. Receção: Cada receção de bola com sucesso, ou seja, a retenção da bola é feita durante sensivelmente dois segundos, a aluna obtinha um ponto positivo. Por cada receção que a aluna falhasse, seria acumulado um ponto negativo.
3. Finalização: Por cada finalização com sucesso, seja ela executada em lançamento na passada, em apoio ou suspensão, ou lance livre, a aluna obtinha um ponto positivo. Por cada finalização sem sucesso, por falhar o alvo, por ter sido intercetado o lançamento a aluna acumulava um ponto negativo.
4. Interceção: Por cada interceção feita com sucesso, ou seja, recuperar a bola e manter a posse de bola na equipa, um ponto positivo era somado. Por cada interceção e perda de bola num período de 2 segundos, era somado um ponto negativo.

3.3.4. Procedimentos

Este estudo foi realizado durante as aulas de EF onde foram gravados em formato de vídeo e analisados 4 jogos, com a duração de 6 minutos cada um. Dois jogos, foram realizados em equipas homogéneas e os outros dois em equipas heterogéneas. A recolha dos dados foi analisada através do método de observação de vídeo, e preenchida a tabela referente a cada uma das equipas.

3.3.4.1. Análise de dados

EQ 1	PASSE			RECEÇÃO			INTERCEÇÃO			FINALIZAÇÃO			SGP	
	✓	×	%	✓	×	%	✓	×	%	✓	×	%	%	
1														
2														
3														
4														

EQ 2	PASSE			RECEÇÃO			INTERCEÇÃO			FINALIZAÇÃO			SGP	
	✓	×	%	✓	×	%	✓	×	%	✓	×	%	%	
1														
2														
3														
4														

Figura 1 – Tabela de registos

Legenda: ✓ - Sucesso

×

- Sem Sucesso

% - Percentagem de Sucesso

Esta tabela foi elaborada e utilizada para o estudo, onde é possível observar as duas equipas em questão ao mesmo tempo. Cada conteúdo está dividido em: acerto, erro e percentagem. De acordo com os procedimentos utilizados por Hastie et al. (2017), foi igualmente calculado um parâmetro denominado *Successfull Game Performance* (SGP). Este parâmetro traduz-se pela percentagem total de sucesso das ações motoras, durante todo o jogo.

Durante todo o estudo, as estatísticas retiradas, foram unicamente só de ações motoras correspondentes ao género feminino e sempre em situações de jogo formal.

3.3.5. Apresentação dos Resultados

3.3.5.1. Passe

O Passe é um conteúdo muito importante em jogo, daí a minha preocupação em ser um dos primeiros parâmetros a observar, pois, sem o passe ser efetuado em condições, a progressão da equipa está condicionada. Apesar do passe, ser também um conteúdo coletivo, ou seja, técnico e tático, e depender de outros fatores externos para que aconteça com sucesso, tentei retirar o máximo de registo e ser o mais minucioso na sua captação de dados, para tornar este registo o mais fidedigno possível.

Como pude observar, quando as raparigas jogam em equipas heterogéneas, a sua presença em jogo diminui significativamente, o que pode levar a um decréscimo na sua aprendizagem em jogo.

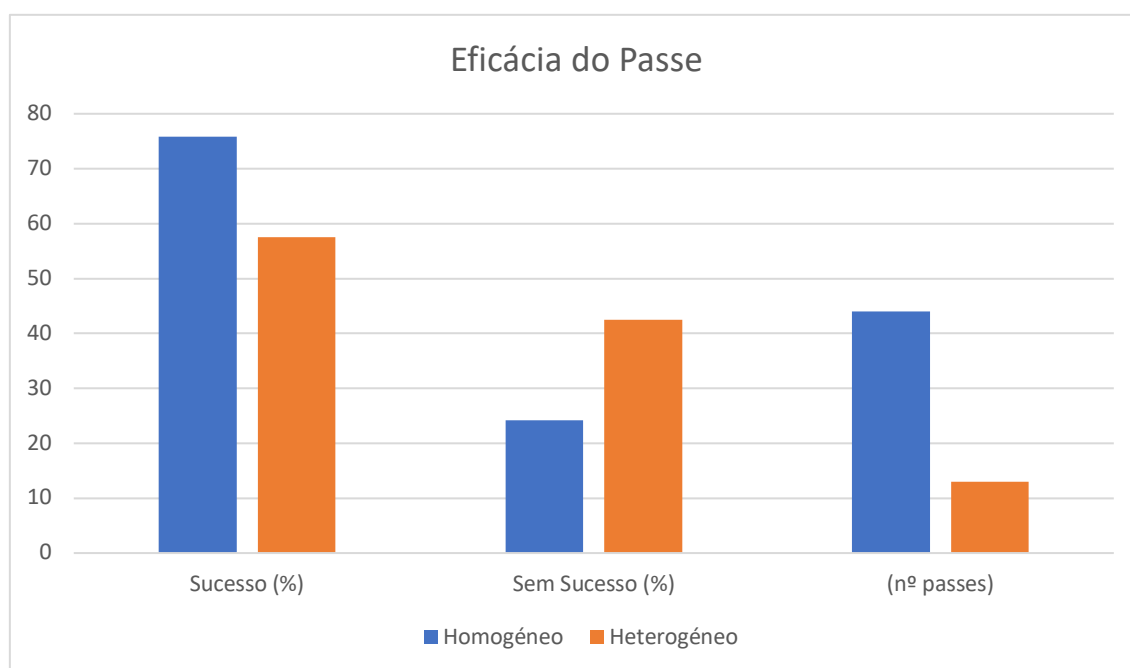


Figura 2

Legenda: Sucesso – Peso do sucesso sobre o total de passes

Sem sucesso – Peso do erro sobre o total de passes

Nº de passes – Número total de passes efetuados com ou sem sucesso

Com base no gráfico, podemos observar que a eficácia na decisão da ação relativamente ao passe em jogos homogêneos, é superior cerca de 18% do que nos jogos heterogêneos.

Na terceira coluna podemos observar os dados relativamente a um jogo, onde é apresentada a diferença, em número de passes, executados pelas raparigas. É de salientar que o número de vezes que as raparigas têm contacto com a bola quando estas jogam entre si, é muito superior do que quando jogam em equipas mistas.

3.3.5.2. Recepção

Um dos princípios fundamentais do basquetebol passa por receber e reter a bola, para o que vem a suceder, seja determinante para acontecer com sucesso.

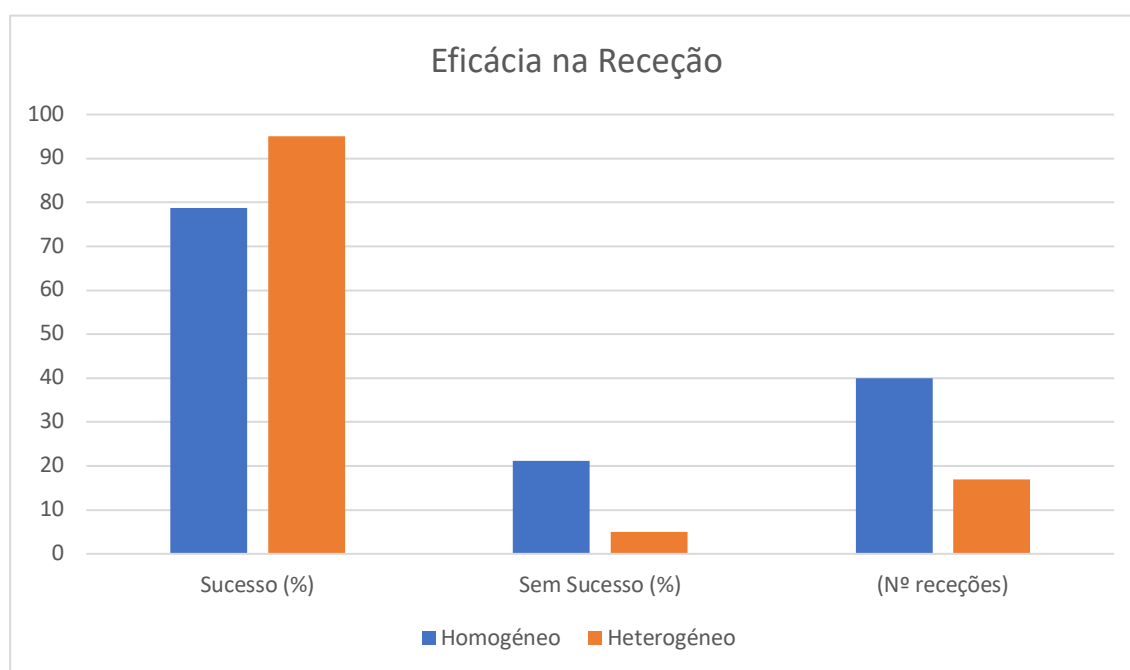


Figura 3

Legenda: Sucesso – Peso do sucesso sobre o total de receções

Sem sucesso – Peso do erro sobre o total de receções

Nº de receções – Número total de receções efetuadas com ou sem sucesso

Relativamente à receção, em percentagem, é superior nos jogos heterogéneos pois, o número de vezes de execução da tarefa é menor, mas, foi observado que a qualidade de passe proveniente do género masculino nesta turma é maior do que no género feminino, logo, ao recebermos uma bola que vem em condições quase perfeitas para a receção, essa torna-se melhor.

Sendo assim, em termos de receção, jogar com equipas mistas, é um método facilitador para a receção das raparigas no jogo.

Podemos verificar que na terceira coluna, está presente a observação dos dados retirados de um jogo de cada grupo. Podemos observar que mesmo assim, o número de vezes que as raparigas recebem a bola num jogo homogéneo, continua a ser superior, embora, a percentagem de sucesso seja maior nos jogos heterogéneos.

3.3.5.3. Interceção

Um dos princípios mais difíceis do jogo, é a interseção da bola. Para interseção de uma bola, é necessária uma boa leitura de jogo, velocidade de reação, tempo certo e uma capacidade de antever e prever uma possível jogada. A sua execução parte do princípio de que desde o momento em que se tenta a interseção, a jogadora passa a ficar com a bola, para que este seja considerado com sucesso.

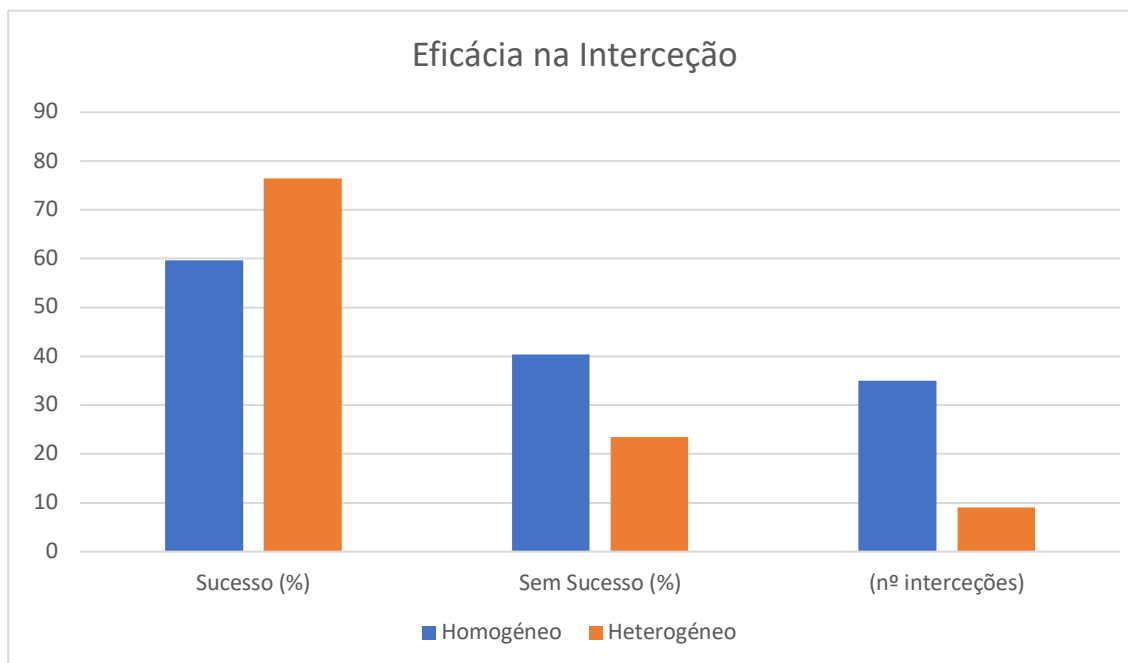


Figura 4

Legenda: Sucesso – Peso do sucesso sobre o total de interceções

Sem sucesso – Peso do erro sobre o total de interceções

Nº de interceções – Número total de interceções efetuadas com ou sem sucesso

No que diz respeito às interceções, estas ocorreram em menor número do que o passe e a receção. No entanto observei que em percentagem de sucesso, o número de interseções realizadas foi superior nos jogos heterogéneos do que homogéneos, o que me deixou bastante surpreendido pois, era de esperar que se o nível de jogo é maior e a qualidade de passe é melhor, presumiria que o número de interseções iria ser menor. No entanto, verificou-se exatamente o contrário. Dado este que é interessante no estudo.

Na terceira coluna está novamente a apresentação do número de interseções feitas em dois jogos de grupos diferentes, para que se possa observar o número que ocorre durante o jogo.

3.3.5.4. Finalização

De todos os conteúdos escolhidos para o estudo, a finalização era o que mais queria observar, pois, para além de ser o objetivo do jogo, é algo que se pode tornar bastante complicado.

No entanto, como o que quero observar é a percentagem de sucesso, fiquei curioso por saber em que grupo é que as raparigas iriam ter uma percentagem de sucesso mais elevada.

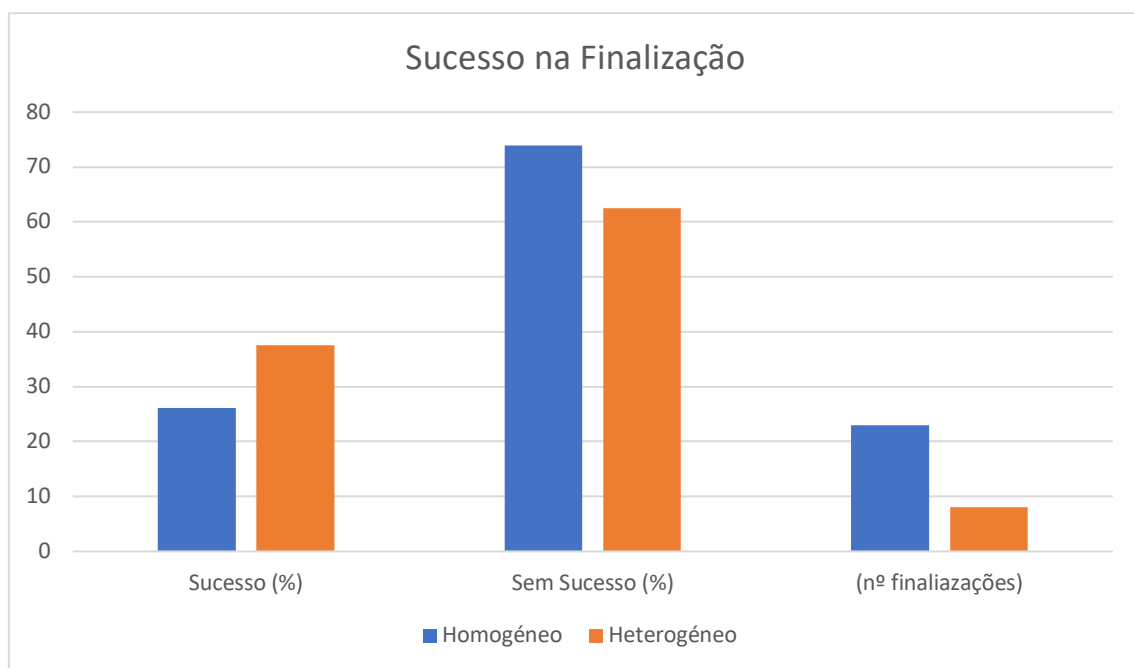


Figura 5

Legenda: Sucesso (%) – Peso do sucesso sobre o total de finalizações

Sem sucesso (%) – Peso do erro sobre o total de finalizações

Nº de finalizações – Número total de finalizações efetuadas com ou sem sucesso

Ao comparar as duas estatísticas, fico surpreendido pelo facto de a eficácia em jogos heterogéneos ser maior do que nos jogos homogéneos. Na minha cabeça, fiquei com a perceção que ao terem mais oportunidades, a eficácia se iria tornar maior. Mas, pelo contrário, quantas mais vezes lançavam, maior era a

possibilidade de falharem o alvo. Assim, e com mais finalizações, a eficácia baixou comparativamente com os jogos heterogéneos.

3.3.6. Conclusão

Ao concluir este estudo, reconheço que fiquei com mais vontade de voltar a estudar esta situação a larga escala, pois, com os resultados prontos, fiquei algo surpreendido.

Neste estudo pude verificar duas conclusões, sendo elas:

1. Quando as raparigas jogam em grupos homogéneos, o número de vezes que executam uma tarefa é sempre superior mais do dobro das vezes do que em grupos heterogéneos.

Nesta situação, e antes do estudo ser feito, aponte para um final onde, a taxa de sucesso na decisão da ação por parte das raparigas em jogo homogéneo, era muito superior, pelo facto de estarem mais em contacto com o jogo e com a bola, por terem mais oportunidades, e pelo nível de jogo ser inferior ao do género masculino. No entanto, esta situação foi derrubada por questões de percentagem de sucesso.

2. Quando as raparigas jogam em grupos heterogéneos, o número de vezes que participam em jogo é menor, mas, o número de acertos que apresentam em qualquer situação de jogo na sua decisão da ação, é mais acertada.

Ou seja, quando o nível de jogo ao aumenta, e a qualidade do mesmo é maior, obriga a decisões da ação mais acertadas. Pelo facto de terem opções de jogo em que o nível é maior, torna-se por vezes mais facilitador a maneira de jogar e de perceber o jogo.

De acordo com o estudo de Farias et al. (2015), as raparigas, quando jogam em grupo heterogéneos, melhoram as suas capacidades de *Game Performance*, na tomada de decisão, nas decisões ofensivas sem bola, nas decisões defensivas e na execução de habilidades defensivas. Assim,

comparativamente com o presente estudo, estes resultados convergem com o mesmo, visto que, a melhoria de sucesso na decisão das ações por parte das raparigas, aumenta quando estas jogam em grupos heterogéneos.

Concluindo, sinto que neste estudo por dizer que os dois meios de trabalhar situações de jogo são benéficos, cada um com os seus objetivos e trabalhando situações diferentes.

De uma maneira homogénea, trabalhamos mais o momento de jogo, havendo mais contacto com a bola e tomando mais decisões, por outro lado, perdemos na eficácia, quanto mais vezes tentamos, mais podemos falhar.

De outra maneira, não existe tanto contacto com a bola, nem na participação no jogo, mas nos momentos de decisão, as raparigas tomam a melhor opção e mais vezes acertam a mesma. Assim, o jogo heterogéneo, beneficia na compreensão do jogo, tendo a ajuda dos “mais fortes” para uma melhor situação de jogo.

3.3.6.1. Sugestões

Futuramente penso que este estudo deveria ser feito numa escala maior em relação ao número de alunas em estudo e englobar vários anos de escolaridade, desde o 10º ano até ao 12º ano. Assim, a amostra seria maior e os dados mais fidedignos. Aliado a isto, este estudo pode também ser feito noutras escolas, tanto públicas como privadas.

Considero que este tipo de estudo pode também ser posto em prática noutras modalidades e ver assim, a melhor maneira de trabalhar com os alunos no geral, retirando um maior aproveitamento das aulas e do sucesso dos mesmos.

3.3.7. Referências Bibliográficas

Farias, C. F., Mesquita, I. R., & Hastie, P. A. (2015). Game performance and understanding within a hybrid Sport Education season. *Journal of Teaching in Physical Education*, 34(3), 363-383.

- Gréhaigne, J. F., Godbout, P., & Bouthier, D. (1997). Performance assessment in team sports. *Journal of Teaching in Physical Education*, 16(4), 500-516.
- Hastie, P. A. (1998). The participation and perceptions of girls within a unit of sport education. *Journal of teaching in physical education*, 17(2), 157-171.
- Hastie, P. A., Ward, J. K., & Brock, S. J. (2017). Effect of graded competition on student opportunities for participation and success rates during a season of Sport Education. *Physical Education and Sport Pedagogy*, 22(3), 316-327.

Considerações finais

Após o término do ano, e a conclusão do RE, fica marcado na minha vida um dos momentos mais importantes a nível pessoal e académico.

É com muito agrado e satisfação que sinto que todo o trabalho e aprendizagem durante toda a minha vida, foi posta em atuação durante este ano, onde sinto que dei tudo de mim para conseguir mover e cativar os alunos a seguirem um rumo de vida com objetivos.

Ao longo deste ano vivi dois lados de sonho, onde num, aprendi muito e fui aluno, e no outro, transmiti conhecimentos e competências, como professor. Ao longo deste ano aprendi que cada um deve realizar o seu caminho, independentemente do seu destino, desde que este seja feito com intencionalidade. Durante este caminho que escolhi, a cada passo dado, foi feita uma descoberta, a cada passo, uma dificuldade, a cada passo, uma lição. Durante este sonho, vivi como aluno e vivi como professor, vivi uma realização que procurava há muito tempo, suportado por uma das pessoas que mais me amparou, o meu PC.

Fico contente e satisfeito por saber que proporcionei experiências e aprendizagens, transmissão de conhecimentos e valores, aos meus alunos. A minha prioridade eram eles, só depois vinha eu. Ao saber que ia interferir na vida de 31 alunos, queria fazê-lo com qualidade para que nenhum saísse prejudicado. E acabo então o ano, com o sentimento de dever cumprido, satisfeito pelo caminho, e mais ainda pela chegada. Quanto mais longe e difícil parecia o caminho, mais fácil e perto ele se tornava. Era esse sentimento de prazer na conclusão de uma tarefa que me dava força para continuar.

Apesar da negrura inicial, das dificuldades de estar com um pé fora do estágio, veio um ano repleto de alegrias e experiências positivas. O contacto e a ligação com os meus alunos tornaram-se algo fundamental para aguentar um ano a trabalhar com eles. A presença nas turmas residentes, fez-me olhar de outro modo, com outra visão do que é ter mais que uma turma, onde todas são diferentes e não existem duas aulas iguais. A minha presença em aula tornou-se uma imagem para os alunos, na qual tive de me adaptar pelo facto de diferença de idades ser curta. Esta presença fez de mim alguém confiante e

assertivo, sem medo de colocar em prática novas metodologias, em benefício dos alunos. Assim, todas estas características, construíram o meu perfil global enquanto professor, aluno e pessoa.

Aos meus alunos, que marcaram esta fase da minha vida, e por terem sido os primeiros, reconheço um apreço por cada um deles, por me terem ajudado e por terem sido incansáveis na procura de aulas melhores.

Resta-me finalizar este RE, relatando que não existem caminhos fáceis, mas que cada um pode moldar esse caminho e optar pelo que acha ser melhor. Depois deste ano, sei que o meu caminho continua ligado ao desporto e sobre tudo à EF enquanto professor.

Referências Bibliográficas

- Bento, J. (1999). Contexto e perspectivas. In J. Bento, R. Garcia & A. Graça (Eds.), *Contextos da Pedagogia do Desporto – Perspetivas e Problemáticas* (pp. 19-112). Lisboa: Livros Horizonte.
- Bento, J. (2003). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Carvalho, R. (2007). Perspectiva temporal de futuro em contexto educativo. Lisboa.
- Ferreira, C. (2013). O testemunho de uma professora-estagiária para um professor um professor-estagiário: um olhar sobre o estágio profissional. In P. Batista, P. Queirós, & R. Rolim, *Olhares sobre o Estágio Profissional em Educação Física* (pp. 105-146). FADEUP.
- Gairin, J (1999). La organización escolar: Contexto y texto de actuación. Madrid: la Murall, S.A.
- Lave, J., & Wenger, E. (1991). *Situated learning: Legitimate peripheral participation*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lima, L. (2008). A escola como entreposto cultural. *Revista Portuguesa de Educação*, 59-81.
- Mesquita, I. (1997). *A pedagogia do treino: a formação em jogos desportivos colectivos*.
- Ponte, J.P., Galvão, C., Santos, F.T., & Oliveira, H. (2001). O início da carreira profissional de jovens professores de Matemática e Ciências. *Revista de Educação*, 10 (1), 31-45.
- Rink, J. E. (2014). *Teaching Physical Education for Learning* (7 ed.). New York: McGraw Hill.

- Rodrigues, E. (2013). Ser Professor Cooperante: das funções aos significados. In P. Batista, P. Queirós & R. Rolim (Eds.), *Olhares sobre o Estágio Profissional em Educação Física* (pp. 93-103). Porto: Editora FADEUP.
- Roldão, M. C. (2007). O Diretor de Turma e a Gestão Curricular. *Cadernos de Organização e Administração Educacional: A turma como unidade de análise* (1), 1-16.
- Rolim, R. (2015). Revisitar o Baú de Orientador de Estágio: indicações, reflexões e retalhos sobre a supervisão do estágio profissional. In P. Batista, P. Queirós & R. Rolim (Eds.), *Olhares sobre o Estágio Profissional em Educação Física* (pp. 53-58). Porto: Editora FADEUP.
- Rosado, A., Dias, L., & Silva, C. (2002). Avaliação das aprendizagens em Educação Física e Desporto. In A. Rosado & C. Colaço (Eds.), *Avaliação das aprendizagens: fundamentos e aplicações no domínio das actividades físicas*. Lisboa: Omniserviços.
- Siedentop, D. (1998). *Aprender a enseñar la educación física* (Vol. 129): Inde.

Anexos

Anexo 1 – Tabela de avaliação de voleibol

Matéria a Avaliar: Voleibol																															
A – PBD/recepção		B -Passe					C – Reenvio/ataque					D - Atitude em jogo																			
1	Não executa. (“esconde-se” para não receber)					Não executa.					Não executa.					Passivo (ver jogar)															
2	Se a bola for na sua direção, o aluno joga, mas não recebe em condições de haver jogo.					Executa com dificuldades.					Executa com dificuldades.					Esporádico (só às vezes) / lento a agir e reagir															
3	Recebe sem PBD e a bola fica jogável.					Coloca a bola no colega de equipa					Consegue colocar a bola no campo do adversário.					Participa nas ações próximas (no que acontece ao pé de si)															
4	Há PBD, há 1ª bola alta e jogável.					Desloca e coloca a bola jogável no colega.					Qualidade do deslocamento e escolha/execução da técnica mais adequada ao reenvio passe ou remate					Participa em todas as ações que lhe dizem respeito (ataque e defesa)															
5	Fala para receber, qualidade da PBD e da escolha/execução da técnica mais adequada (passe ou manchete), bola alta no passador.					Fala, qualidade dos deslocamentos, orientação dos apoios, colocação do passe, bola alta e jogável.					Deslocamento, pré-chamada, chamada, TDS, Batimento.					Antecipa as ações (adivinha o que a sua equipa ou o adversário vai fazer) executa considerando as referências de alto nível.															
N.º	Nome					A	B	C	D	Nota	Apreciação Global (Nível)					N.º	Nome					A	B	C	D	Nota	Apreciação Global (Nível)				
+																															
										NI	I	E	A													NI	I	E	A		
										NI	I	E	A														NI	I	E	A	
										NI	I	E	A														NI	I	E	A	
										NI	I	E	A														NI	I	E	A	
										NI	I	E	A														NI	I	E	A	
										NI	I	E	A														NI	I	E	A	
										NI	I	E	A														NI	I	E	A	
										NI	I	E	A														NI	I	E	A	
										NI	I	E	A														NI	I	E	A	
										NI	I	E	A														NI	I	E	A	
										NI	I	E	A														NI	I	E	A	
										NI	I	E	A														NI	I	E	A	
										NI	I	E	A														NI	I	E	A	
										NI	I	E	A														NI	I	E	A	
										NI	I	E	A														NI	I	E	A	
										NI	I	E	A														NI	I	E	A	
										NI	I	E	A														NI	I	E	A	
										NI	I	E	A														NI	I	E	A	
										NI	I	E	A														NI	I	E	A	

Anexo 2 – Tabela de testes de aptidão física

[illegible]

Anexo 3 – Roulement de espaços

TEMPOS	Prof.	Segunda Feira					Prof.	Terça Feira					Prof.	Quarta Feira					Prof.	Quinta Feira					Prof.	Sexta Feira					QUINZENAS DATAS			
		A1	B1	A2	B2	A3		A1	B1	A2	B2	A3		A1	B1	A2	B2	A3		A1	B1	A2	B2	A3		A1	B1	A2	B2	A3	INICIO	FINAL		
1º/2º 8H20 9H50	10F	P2	B/C2	P1	G/C2	C1	12C						3S	G/C2	P2	P1	B/C2	C1	12G						11E	P1	B/C2	C1	P2	G/C2	A1	24/set	05/out	
	10E	G/C2	C1	P2	B/C2	P1	12A						11I	B/C2	P1	G/C2	C1	P2	12H						11M	B/C2	P1	P2	G/C2	C1	B1	08/out	19/out	
	10C	C1	P2	B/C2	P1	G/C2	12D						2A	P1	B/C2	C1	G/C2	P2	12F						11B	P2	C1	G/C2	P1	B/C2	A2	22/out	02/nov	
	10D	B/C2	P1	G/C2	C1	P2	12B						1T	P2	C1	B/C2	P1	G/C2	12I						7I	G/C2	P2	B/C2	C1	P1	B2	05/nov	16/nov	
	10A	P1	G/C2	C1	P2	B/C2	12E						1P	C1	G/C2	P2	P1	B/C2	12J						11A	C1	G/C2	P1	B/C2	P2	A3	19/nov	30/nov	
																																A1	03/dez	14/dez
3º/4º 10H05 11H35	10K	P2	B/C2	P1	G/C2	C1	12G						9J	G/C2	P2	P1	B/C2	C1	11D	G/C2	C1	P1	B/C2	P2	11I	P1	G/C2	C1	B/C2	P2	PROFESSORES			
	10H	B/C2	P1	G/C2	C1	P2	12H						11G	B/C2	P1	G/C2	C1	P2	12K						10M	B/C2	C1	G/C2	P2	P1				
	10J	C1	P2	B/C2	P1	G/C2	12F						10L	P1	B/C2	C1	G/C2	P2	12M						11N	P2	B/C2	P1	G/C2	C1				
	10L	G/C2	C1	P2	B/C2	P1	12I						8I	P2	C1	B/C2	P1	G/C2	12L						10N	C1	P2	B/C2	P1	G/C2				
	2I/D	P1	G/C2	C1	P2	B/C2	12J						3I	C1	G/C2	P2	P1	B/C2	10K	C1	P1	B/C2	P2	G/C2	10P	G/C2	P1	P2	C1	B/C2				
5º/6º 11H50 13H20	10N	B/C2	P1	G/C2	C1	P2	12K						1S	B/C2	P1	C1	G/C2	P2	12C						11K	P1	G/C2	P2	B/C2	C1				
	10M	P2	B/C2	P1	G/C2	C1	12M						11M	P1	B/C2	P2	C1	G/C2	12A						11J	P2	B/C2	C1	G/C2	P1				
	10I	G/C2	C1	P2	B/C2	P1	12L						7H	P2	G/C2	P1	B/C2	C1	12D						11F	B/C2	P1	G/C2	C1	P2				
	10O	P1	G/C2	C1	P2	B/C2	11P	G/C2	C1	P2	B/C2	P1	8J	C1	P2	G/C2	P1	B/C2	12B						11L	C1	P2	B/C2	P1	G/C2				
	10G	C1	P2	B/C2	P1	G/C2	3P	P1	G/C2	C1	P2	B/C2	10O	G/C2	C1	B/C2	P2	P1	12E						9I	G/C2	C1	P1	P2	B/C2				
TEMPOS	Prof.	A1	B1	A2	B2	A3	Prof.	A1	B1	A2	B2	A3	Prof.	A1	B1	A2	B2	A3	Prof.	A1	B1	A2	B2	A3	Prof.	A1	B1	A2	B2	A3				
8º 14H20 15H05	9J	P1	P2	P1	P2	P2	7I	P1	P2	P1	P2	P2							7H	P1	P2	P1	P2	P2	9H	P1	P1	P1	P1	P1				
	8J	P2	P1	P2	P1	P1	9I	P2	P1	P2	P1	P1							8H	P2	P1	P2	P1	P1										
	11E	B/C2	P1	G/C2	C1	P2	11J	B/C2	P1	G/C2	P2	C1							10A	B/C2	P1	G/C2	C1	P2	2S	C1	P2	B/C2	P1	G/C2				
	11C	P2	B/C2	P1	G/C2	C1	3A	P1	G/C2	P2	C1	B/C2							10D	P1	B/C2	P2	G/C2	C1	11H	P2	G/C2	P1	C1	B/C2				
9º/10º 15H20 16H50	11B	G/C2	C1	P2	B/C2	P1	10B	G/C2	P2	C1	B/C2	P1							10C	G/C2	P2	C1	B/C2	P1	1M/I	P1	B/C2	P2	G/C2	C1				
	11L	P1	G/C2	C1	P2	B/C2	9H	P2	C1	B/C2	P1	G/C2							11C	P2	C1	B/C2	P1	G/C2	11O	B/C2	C1	G/C2	P2	P1				
	11D	C1	P2	B/C2	P1	G/C2	8H	C1	B/C2	P1	G/C2	P2							10E	C1	G/C2	P1	P2	B/C2	10G	G/C2	P1	C1	B/C2	P2				
11º/12º 17H00 18H30	11N	G/C2	C1	P2	B/C2	P1	11H	B/C2	P1	G/C2	P2	C1							10J	G/C2	P2	C1	B/C2	P1	3T	C1	P2	B/C2	P1	G/C2				
	11G	P1	G/C2	C1	P2	B/C2	2T	C1	P2	B/C2	P1	G/C2							2P	B/C2	P1	G/C2	C1	P2	1A	B/C2	C1	G/C2	P2	P1				
	11F	P2	B/C2	P1	G/C2	C1	8I	G/C2	C1	P1	B/C2	P2							10I	C1	G/C2	P1	P2	B/C2	11P	P2	G/C2	P1	C1	B/C2				
	11K	B/C2	P1	G/C2	C1	P2	11O	P1	G/C2	P2	C1	B/C2							10H	P1	B/C2	P2	G/C2	C1	10B	P1	B/C2	P2	G/C2	C1				
	11A	C1	P2	B/C2	P1	G/C2	10P	P2	B/C2	C1	G/C2	P1							10F	P2	C1	B/C2	P1	G/C2	GIN	G/C2	P1	C1	B/C2	P2				
Atividade Interna																																		

Atividade
Interna

Anexo 4 – Ficha de registo individual UAARE

Aluno	Nome:	
	Ano / Turma:	
	E- mail:	
	nº Telefone:	
	nº Processo:	
	Modalidade	
Dt e Tutor	Nome DT:	
	nº Telefone DT:	
	E- mail DT:	
	Nome Tutor:	

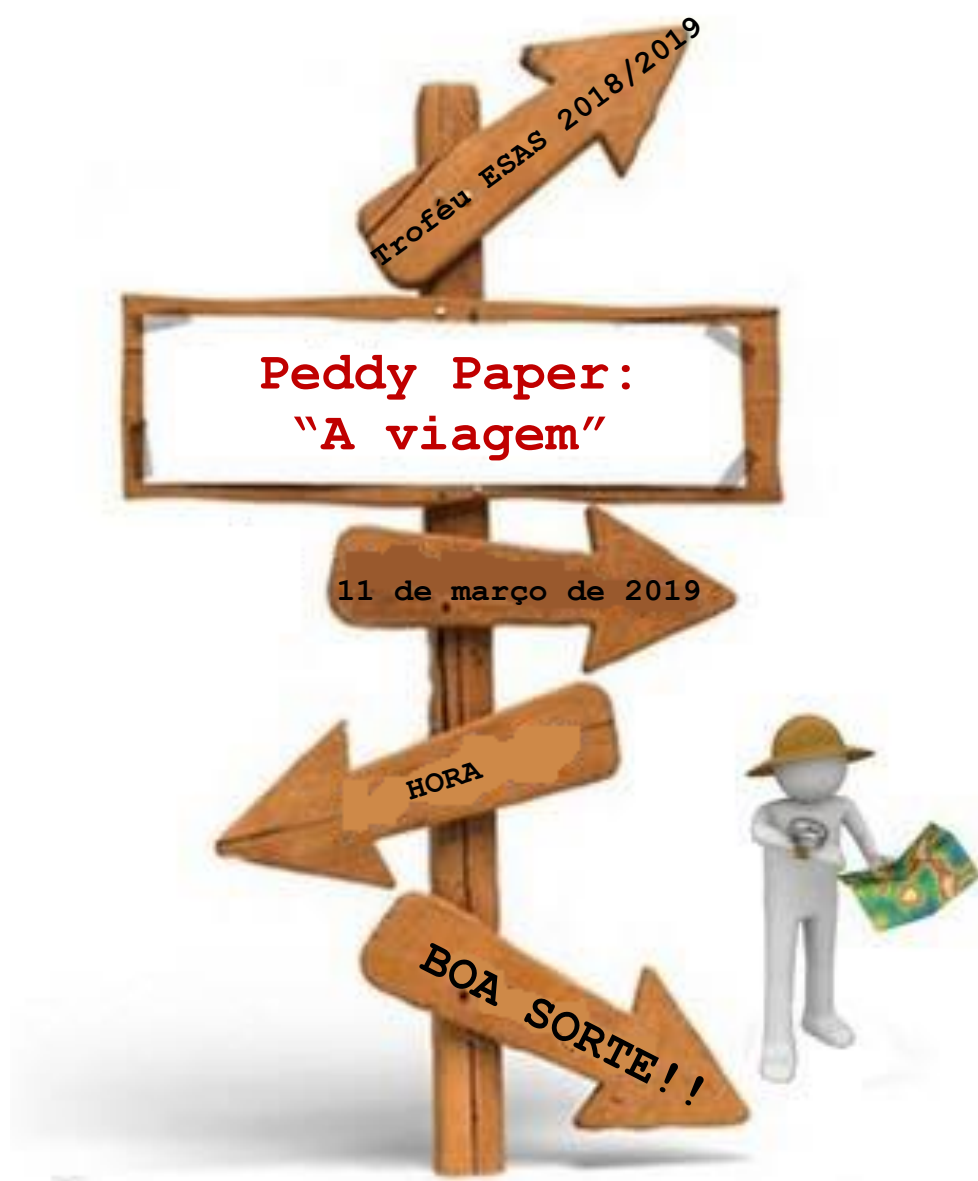
disciplina	classificação	média TURMA	média AESAS	dif aluno/AESAS
Economia A				
Educação Física				
Filosofia				
Geografia A				
Inglês				
Matemática A				
Português				

1º Período						
POR	LING EST	FIL	MAT	ECON	GEO	EF

Apreciação global do aluno	Dificuldades por Disciplina

Estratégias de Recuperação

Anexo 5 – Troféu ESAS *Peddypaper*



Nome da Equipa:			
Nome dos Participantes:			
Hora de Saída:		Hora de Chegada:	

Anexo 6 – Grelha de observação dos EE

	Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio - Braga Núcleo de Estágio Profissional de Educação Física - FADEUP Ano Letivo – 2018 2019	
---	--	---

Categorias		Professor Observado:	Professor Observador:	Data:
Exercícios Propostos	Adequação das tarefas e atividades da aula			
	Cumprimento de objetivos estipulados			
Gestão da aula	Gestão do tempo de aula (tempo útil; de transição; exercitação)			
	Organização (material; formações dos alunos; métodos de ensino)			
	Risco e Prudência			
	Rotinas e clima de aprendizagem (consistência, encorajamento)			
Desempenho do Professor	Conhecimento do conteúdo a ensinar (componentes críticas; matéria de ensino; critérios de êxito)			
	Qualidade da Instrução (apresentação da tarefa; contexto; objetivos, terminologia; tom de voz e clareza)			
	Demonstração e Questionamento			
	Colocação do professor			
	Feedbacks/ palavras-chave			
	Ajudas			